**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ENFERMAGEM DE RIBEIRÃO PRETO**

LUCIANA APARECIDA CAVALIN

**Violência psicológica: estudo com adolescentes de uma
instituição escolar pública do interior do estado de
São Paulo**

**Ribeirão Preto
2013**

LUCIANA APARECIDA CAVALIN

**Violência psicológica: estudo com adolescentes de uma instituição
escolar pública do interior do estado de São Paulo**

Dissertação apresentada à Escola de
Enfermagem de Ribeirão Preto da
Universidade de São Paulo, para obtenção do
título de Mestre em Ciências, Programa
Enfermagem Psiquiátrica.

Linha de pesquisa: Promoção de Saúde
Mental

Orientador: Zeyne Alves Pires Scherer

Ribeirão Preto

2013

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Cavalin, Luciana Aparecida

Violência psicológica: estudo com adolescentes de uma instituição escolar pública do interior do estado de São Paulo. Ribeirão Preto, 2013.

103 p. : il. ; 30 cm

Dissertação de Mestrado, apresentada à Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. Área de concentração: Enfermagem Psiquiátrica.

Orientador: Scherer, Zeyne Alves Pires.

1. Adolescente. 2. Comportamento do adolescente. 3. Maus-tratos Infantis. 5. Violência.

Nome: CAVALIN, Luciana Aparecida

Título: Violência psicológica: estudo com adolescentes de uma instituição escolar pública do interior do estado de São Paulo

Dissertação apresentada à Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Ciências. Programa Enfermagem Psiquiátrica.

Aprovado em/...../.....

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

DEDICATÓRIA

Dedico carinhosamente este trabalho
aos adolescentes que participaram da pesquisa.

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Ana e José, pelo incentivo e apoio incondicional para o meu crescimento pessoal e profissional.

Aos meus irmãos, Marcelo e Leandro pela solidariedade e apoio.

À Professora Doutora Zeyne Alves Pires Scherer, orientadora desta dissertação, pela sua atenção, compreensão, disponibilidade e generosidade na transmissão de conhecimentos e saberes. Muito obrigada pela oportunidade de concretizar uma etapa tão importante em minha vida.

À Miyeko Hayashida, que desde o exame de qualificação contribuiu de forma generosa com orientações de extrema importância para a realização deste trabalho.

À Professora Ana Maria Pimenta Carvalho, pelas orientações e compartilhamento de saberes que enriqueceram este trabalho desde a qualificação.

Aos colegas do GREIVI, pelas discussões e orientações que enriqueceram meu percurso acadêmico e ao Professor Edson Scherer, pelo estímulo ao pensamento e à reflexão.

Ao meu primo Eduardo, por me socorrer em momentos difíceis. Sua serenidade e apoio foram imprescindíveis para a conclusão deste trabalho.

Ao amigo e colega de trabalho, Renato Dias, pela disponibilidade e carinho no auxílio da organização da coleta de dados.

A Nayara Massa, amiga que mesmo distante me ajudou prontamente na organização da apresentação dos dados deste trabalho.

Ao Prof. Vanderley José Haas e a Profa. Isabel Cristina Martins Freitas, pela assessoria estatística, esclarecimentos e orientações.

Agradeço a todos os meus familiares e aos meus amigos pela torcida e incentivos.

RESUMO

CAVALIN, L. A. **Violência psicológica:** estudo com adolescentes de uma instituição escolar pública do interior do estado de São Paulo. 2013. 103 f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2013.

O desenvolvimento saudável do adolescente é favorecido por interações que envolvam reciprocidade e equilíbrio de poder, no entanto, relações negligentes ou abusivas podem ser encontradas em práticas educativas na família ou escola sendo a violência psicológica a mais recorrente e associada com frequência a outros tipos de abuso. Nesse tipo de abuso o adolescente é desqualificado em suas capacidades, desejos e emoções. Este trabalho objetivou investigar a exposição de adolescentes à violência psicológica, assim como identificar sua associação com outros tipos de maus-tratos (físico, sexual e negligência), o perpetrador e o contexto de ocorrência. Procuramos também verificar a relação dos diferentes tipos de violência estudadas e as variáveis sócio-demográficas dos participantes da pesquisa. Para tanto foi realizado um estudo transversal com uma população de 218 adolescentes (entre 14-18 anos) de uma instituição escolar pública. Os estudantes responderam a um questionário e à Escala de Violência Psicológica (EVP), cujos dados obtidos foram analisados por meio de estatística descritiva. O estudo demonstrou que 96,3% dos estudantes sofreram violência psicológica, seguido da violência física (34,9%), sexual (7,3%) e negligência (2,8%). Mais de 90% dos adolescentes que sofreram violência física, sexual e negligência sofreram violência psicológica na modalidade leve e moderada o que demonstra a coocorrência da vitimização. Observamos que 94,5% dos alunos foram expostos a esse tipo de violência na sua forma leve e moderada e 1,8% na forma severa e apenas 3,7% dos adolescentes responderam nunca aos 18 itens de violência psicológica indagados na pesquisa. Esses dados mostram que a violência psicológica, mesmo que vivenciada com intensidade leve e moderada, é um comportamento presente na relação com pessoas significativas na vida da maioria dos adolescentes deste estudo.

Palavras-chaves: Adolescente; Comportamento do adolescente; Maus-tratos infantis; Violência

ABSTRACT

Cavalin, L. A. **Psychological violence: a study with adolescents in a public educational institution in the state of São Paulo.** 2013. 103 f. Thesis (Master) – School of Nursing in Ribeirão Preto, University of São Paulo, 2013.

The healthy development of adolescents is favored by interactions involving reciprocity and balance of power, however, neglectful or abusive relationships can be found in educational practices in family or school psychological violence being the most recurrent and often associated with other types of abuse. In this type of abuse the teenager is disqualified in their abilities, desires and emotions. This study aimed to investigate the exposure of adolescents to psychological violence, as well as identify its association with other types of abuse (physical, sexual, and neglect), the perpetrator and the context of occurrence. We also sought to investigate the relationship between different types of violence studied and socio-demographic variables of the respondents. Therefore we performed a cross-sectional study with a population of 218 adolescents (aged 14-18 years) of a public educational institution. These students completed a questionnaire and Psychological Violence Scale (EVP), whose data were analyzed using descriptive statistics. The study showed that 96,3% of students suffered psychological violence, followed by physical violence (34,9%), sexual (7,3%) and neglect (2,8%). Over 90% of adolescents who suffered physical, sexual and psychological violence suffered neglect in mild and moderate form which shows the co-occurrence of victimization. We observed that 94,5% of students were exposed to such violence in its mild and moderate and 1,8% severe form, and only 3,7% of adolescents never responded to the 18 items asked of psychological research. These data show that psychological violence, even if experienced with mild to moderate behavior is present in the relationship with significant people in the lives of most adolescents in this study.

Keywords: Adolescent , Adolescent Behavior , Child Abuse , Violence

RESUMEN

CAVALIN, L. A. **Violencia psicológica:** un estudio de los adolescentes de una institución de educación pública en el estado de São Paulo. 2013. 103 f. Disertación (Maestría) – Escuela de Enfermería de Ribeirão Preto de la Universidad de São Paulo, Ribeirão Preto, 2013.

El desarrollo saludable de los adolescentes se ve favorecida por las interacciones que implican reciprocidad y equilibrio de poderes, sin embargo, las relaciones negligentes o abusivas se pueden encontrar en las prácticas educativas en la familia o en la escuela, la violencia psicológica son los más recurrentes y, a menudo asociados con otros tipos de abuso. En este tipo de abuso, el adolescente es descalificado en sus capacidades, deseos y emociones. Este estudio tuvo como objetivo investigar la exposición de los adolescentes a la violencia psicológica, así como identificar su relación con otros tipos de abuso (físico, sexual, y abandono), el autor y el contexto de aparición. También trató de investigar la relación entre los diferentes tipos de violencia estudiados y las variables socio-demográficas de los encuestados. Por lo tanto, se realizó un estudio transversal con una población de 218 adolescentes (de entre 14 a 18 años) de una institución educativa pública. Los estudiantes completaron un cuestionario y la escala Violencia Psicológica (EVP), cuyos datos fueron analizados utilizando estadística descriptiva. El estudio mostró que el 96,3% de los alumnos sufrió violencia psicológica, seguida de la violencia física (34,9%), sexual (7,3%) y negligencia (2,8%). Más del 90% de los adolescentes que han sufrido violencia física, sexual y psicológica que sufrió el abandono en forma leve y moderada que muestra la co-ocurrencia de victimización. Se observó que el 94,5% de los estudiantes fueron expuestos a este tipo de violencia en su forma más severa leve y moderada y el 1,8%, y sólo el 3,7% de los adolescentes nunca respondió a los 18 artículos hechas de la investigación psicológica. Estos datos muestran que la violencia psicológica, aunque experimentó con leve a moderado comportamiento está presente en la relación con las personas significativas en la vida de la mayoría de los adolescentes en este estudio.

Palabras-clave: Adolescente, Conducta del Adolescente, Maltrato a los Niños, Violencia

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 –	Distribuição das pessoas que praticaram violência psicológica.....	57
Gráfico 2 –	Distribuição das pessoas que praticaram violência física.....	61
Gráfico 3 –	Distribuição das pessoas que praticaram violência sexual.....	64
Gráfico 4 –	Distribuição das pessoas que praticaram negligência...	66

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	- Distribuição em número e porcentagem dos estudantes de acordo com características sociodemográficas e variáveis do contexto familiar	47
Tabela 2	- Distribuição dos participantes do estudo, segundo a escolaridade.....	50
Tabela 3	- Distribuição dos participantes do estudo, segundo a etapa de escolarização em que ocorreu a retenção escolar	51
Tabela 4	- Classificação dos escores obtidos na Escala de Violência Psicológica, segundo o sexo do aluno.	53
Tabela 5	- Itens de violência psicológica.....	54
Tabela 6	- Associação entre variáveis sociodemográficas e variáveis do contexto familiar e violência psicológica.	56
Tabela 7	- Distribuição das ocorrências de violência psicológica, segundo o perpetrador e o local.	59
Tabela 8	- Distribuição das ocorrências de violência física, segundo o perpetrador e o local de ocorrência..	63
Tabela 9	- Distribuição das ocorrências de violência sexual, segundo o perpetrador e o local de ocorrência	65
Tabela 10	- Distribuição das ocorrências de negligência, segundo o perpetrador e o local	67
Tabela 11	- Associação entre variáveis sociodemográfica e variáveis do contexto familiar e violência física, negligência e sexual.	68
Tabela 12	- Associação entre violência psicológica, física, sexual e negligência.....	70
Tabela 13	- Associação entre violência física, sexual e negligência.	71

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	14
1. INTRODUÇÃO	18
2. OBJETIVOS.....	23
2.1 OBJETIVO GERAL	23
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	23
3. REVISÃO DA LITERATURA	25
3.1 Definições de adolescência	25
3.2 Violência – alguns conceitos.....	27
3.3 Violência contra adolescentes	30
3.4 Violência psicológica	31
3.5 A violência sob a perspectiva bioecológica de desenvolvimento	32
4. MÉTODO.....	38
4.1 TIPO DE ESTUDO.....	38
4.2 LOCAL DE ESTUDO	38
4.3 POPULAÇÃO DO ESTUDO	39
4.4 ASPECTOS ÉTICOS.....	40
4.5 ESTUDO-PILOTO.....	41
4.6 VARIÁVEIS DO ESTUDO E COLETA DE DADOS.....	41
4.7 INSTRUMENTOS PARA COLETA DE DADOS	43
4.7.1 QUESTIONÁRIO	43
Parte I: Caracterização sócio-demográfica	43
Partell:Identificação do tipo de violência, perpetrador e local de ocorrência	43
4.7.2 ESCALA DE VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA	44
4.8 ANÁLISE DOS DADOS	45
5. RESULTADOS E DISCUSSÃO	46
5.1 Caracterização da população	47
5.2 Violência psicológica	53
5.3 Violência física.....	61
5.4 Violência sexual.....	64
5.5 Negligência	66
5.6 Violência psicológica comparada às outras formas de violência	70
5.7 Local de ocorrência das agressões	72
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	75
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	79
APÊNDICE	92
APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	93
APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO	95
Parte I - Dados de caracterização pessoal	95

Parte II – Identificação do tipo de violência, perpetrador e local de ocorrência.....	97
ANEXOS	101
ANEXO 1 - PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA.....	102
ANEXO 2 - ESCALA DE VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA CONTRA ADOLESCENTES	103

APRESENTAÇÃO

APRESENTAÇÃO

O interesse em pesquisar esse tema nasceu da reflexão de minha prática profissional como psicóloga de uma instituição pública de ensino. A prática profissional possibilitou o contato com diversos problemas internos e externos à instituição e ao constatar a frequente queixa de situações de violência, principalmente psicológica, vivenciadas pelos alunos do ensino médio, o interesse em pesquisar o tema tornou-se urgente. Outro fator que contribuiu para a motivação dessa pesquisa foi constatar a naturalização do uso da violência como forma de educação em várias famílias que tive contato. Observei que muitos pais diante de situações de conflito familiar com seus filhos, relatavam fazer uso de força física, ameaças, chantagens a fim de coibir-lhes o comportamento.

A inquietação despertada diante de tais situações me instigou num primeiro momento buscar auxílio teórico-metodológico para melhor compreensão do fenômeno. Assim, comecei a participar das reuniões do Grupo de Estudos Interdisciplinar sobre Violências (GREIVE) cadastrado no CNPQ desde 2006, cuja líder é minha orientadora, vinculado à Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. As reuniões em grupo, além de possibilitar a discussão do tema à luz de diferentes referenciais teóricos, possibilitou a construção de uma visão mais crítica do cotidiano que me cercava.

Participar desse grupo, assim como as inquietações advindas da prática profissional, me auxiliaram a refletir melhor sobre quais questões poderiam ser estudados durante o Mestrado e a construir o projeto de pesquisa.

Pretendo com esse estudo verificar como ocorre a exposição à violência psicológica dos alunos da instituição escolar onde trabalho, assim como traçar o perfil sócio demográfico dessa população. Buscarei ainda investigar a vivência de outros tipos de violência (física, sexual e negligência), quais os perpetradores e local de ocorrência.

A introdução desse trabalho apresenta a problemática da violência contra os adolescentes no Brasil. O referencial teórico é apresentado em 5 temas: definição de adolescência; definição de violência; violência contra adolescentes violência psicológica na adolescência e a violência sob a perspectiva bioecológica de desenvolvimento.

A metodologia apresenta a descrição de todos os procedimentos necessários para a realização do presente estudo envolvendo a natureza, o local e os sujeitos da pesquisa, os instrumentos utilizados e procedimentos para a coleta, análise e tratamento dos dados e os aspectos éticos necessários.

Nos resultados a caracterização da população é realizada segundo idade, sexo, nível de escolaridade, naturalidade, procedência, características étnico-raciais, escolaridade, retenção escolar, ocupação, arranjo e renda familiar. A exposição à violência psicológica é apresentada de acordo com a classificação ausente, leve e moderada e severa obtidos com a Escala de Violência Psicológica (EVP). Os demais tipos de violência (física, sexual e negligência), perpetradores e local de ocorrência são investigados por meio da aplicação de questionário fechado. Na discussão, apresentada juntamente com os resultados a fim de facilitar a compreensão de ambos, são apresentados estudos que serviram de base de comparação com os resultados do presente estudo.

O trabalho encerra-se com as considerações finais sobre os resultados e proposta de estudos futuros. Dessa forma, espero que os resultados deste trabalho auxiliem na reflexão dos profissionais inseridos no contexto escolar e favoreça a estruturação de programas visando prevenção das várias formas de violência perpetradas contra o adolescente.

INTRODUÇÃO

1. INTRODUÇÃO

No Brasil, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), lei n.º 8.069/90, estabelece que a adolescência corresponde ao período de vida que vai dos 12 aos 18 anos de idade, devendo o adolescente ser considerado uma pessoa em desenvolvimento, assim as adversidades que porventura ocorreram nesse período são de responsabilidade não apenas da família, mas também do Estado, da sociedade, de um conjunto de instituições, incluindo-se a escola (BRASIL, 1995).

O conceito de adolescência não se restringe apenas às delimitações cronológicas, às características da puberdade e às transformações físicas que ela acarreta (FROTA, 2007), é também construída a partir de padrões culturais que marcam um dado momento na história, podendo ser compreendida a partir do contexto de origem, dessa forma, aspectos da contemporaneidade determinam os padrões comportamentais existentes nos jovens hoje. Problemas sociais como desemprego, violência, a formação de espaços fechados de convivência (*shoppings* e condomínios) e a ampliação da escolarização, fazem com que as crianças fiquem mais tempo sob a tutela e supervisão dos pais, encaminhando-se para o mercado de trabalho mais tardiamente, aumentando sua dependência e diminuindo sua autonomia diante das decisões (BOCK, GONÇALVES, FURTADO, 2001). Assim, essa etapa evolutiva é constituída dentro de uma história e tempo específicos, a partir das necessidades sociais e econômicas dos grupos sociais aos quais o adolescente pertence.

Essa etapa do desenvolvimento configura-se ainda como um período de crescimento emocional, construção da identidade e desenvolvimento da socialização, sendo que parte das suas dificuldades deriva de problemas ambientais. Tal fato destaca a importância fundamental do ambiente e da família para que os adolescentes possam alcançar a maturidade adulta de forma saudável (WINNICOTT, 2005a; 2005b). O adolescente deve poder confiar nas pessoas que convivem com ele, possibilitando, assim, condições para um desenvolvimento sadio (ASSIS et al., 2009).

Temos, então, que o contexto familiar pode funcionar como um fator de proteção para o desenvolvimento do adolescente. Essa função da família é inclusive assegurada pela Constituição Federal (BRASIL, 1988) em seu artigo 227 que indica como dever da família e do Estado a proteção integral não só da criança, mas também do adolescente:

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

Assim, todo ato ou omissão cometido pelos pais, parentes, ou mesmo outras pessoas e instituições (como a escola) capazes de causar dano físico, sexual ou psicológico são considerados violência contra o adolescente. A violência contra o adolescente implica numa transgressão no poder/dever de proteção do adulto e da sociedade tendo como consequência a coisificação da adolescência (GUERRA, 1998; MINAYO, 1994). No contexto familiar, a violência é dificilmente identificável e no caso de adolescentes vitimizados, estes encontram-se na sua maioria inertes, submissos, sofrem e têm dificuldades de encontrar alternativas de ajuda, seja pela ameaça sofrida, seja pela ausência de elementos norteadores de auxílio como a escola e os vizinhos (DE ANTONI; KOLLER, 2000 a ou b).

A violência contra o adolescente pode ocorrer de diferentes formas: violência sexual que envolve atos hetero ou homossexuais que têm por finalidade estimular sexualmente o adolescente para obter estimulação sexual para si ou para outrem; violência psicológica que ocorre nas ocasiões em que o adulto ameaça e deprecia o adolescente provocando-lhe sofrimento mental; negligência, representada pela falha ou omissão dos pais ou responsáveis em prover as satisfações físicas e emocionais dos filhos, desde que a falha não seja mero resultado das condições de vida que estão fora do seu domínio e violência física que inclui o abuso físico propriamente dito (GUERRA, 1998).

A violência se inicia de uma forma lenta e silenciosa, sendo na maioria das vezes de natureza psicológica, e progride em intensidade e consequências (ASSIS; AVANCI, 2004a). É também, dentre as formas de violência, a menos identificada,

em função da tolerância da nossa sociedade frente a esse tipo de abuso (FALEIROS; FALEIROS, 2007) e a que mais prejudica o desenvolvimento emocional do adolescente.

Estudos mostram que há dificuldades na identificação dessa modalidade de violência, pois ela se apresenta diluída em atitudes aparentemente não relacionadas ao conceito de violência, mas consideradas como medidas educativas. O perpetrador em suas primeiras manifestações não agride fisicamente, mas deprecia, humilha, ameaça e ridiculariza o adolescente. Tais atitudes fazem com ele acredite ser inferior aos demais, causando-lhe grande sofrimento mental e afetivo e gerando uma representação negativa de si mesmo que pode acompanhá-lo por toda a vida (SILVA; COELHO; CAPONI, 2007; SILVA, 2002). Se praticada em um determinado microssistema como o ambiente familiar, a violência psicológica pode oferecer consequências para a adaptação aos demais contextos que fazem parte da vida do adolescente e por se tratar de um construto, há dificuldade em pesquisar o fenômeno, pouco estudada no Brasil, principalmente se comparado às pesquisas sobre abuso físico ou sexual (ASSIS et al., 2009; ANTONI, 2000).

A imagem que o adolescente tem de si é construída pelas experiências que vivencia nos ambientes mais próximos como o familiar e o escolar. Se nesses ambiente predominam atitudes desrespeitosas e pouco afetuosas, haverá influência direta na atitude que esse adolescente tem consigo mesmo e com o mundo (ASSIS; AVANCI, 2003). Assim, as pessoas significativas para o adolescente, como pais, professores e amigos tomam lugar de destaque para o seu desenvolvimento psicossocial. Se essas relações forem constituídas por atitudes violentas, ou mesmo se sua necessidade básica de segurança é ameaçada há maior probabilidade de comprometimento do seu desenvolvimento (MARRIEL et al., 2006; SIMONS et al., 1991).

Diante do exposto, cabe compreender e refletir sobre temas que atravessam o cotidiano do adolescente, dentre os quais a violência se destaca pelas consequências negativas para essa etapa do desenvolvimento. Sendo a violência psicológica, de acordo com a literatura nacional, a forma de violência mais presente e menos identificada nas relações familiares e de difícil diagnóstico para os profissionais que trabalham com adolescentes, o presente trabalho pretende investigar a exposição dos adolescentes a esse fenômeno.

Considerando que a dificilmente uma modalidade de violência ocorre de maneira isolada este estudo buscará identificar a ocorrência dos demais tipos de violência (física, sexual e negligência), assim como a identificação de seus perpetradores e o contexto de sua ocorrência.

Este conhecimento poderá fornecer material para uma melhor compreensão do fenômeno, assim como fornecer subsídios para a construção de programas de intervenção com o adolescente no contexto escolar e desenvolver nele, enquanto futuro profissional, competências, habilidades e estratégias necessárias para lidar com a realidade social com a qual se defronta.

OBJETIVOS

2. OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

- Investigar a exposição à violência psicológica de estudantes do ensino médio de uma determinada instituição pública de ensino.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Caracterizar as variáveis sócio-demográficas (idade, sexo, naturalidade, procedência, características étnico-raciais, escolaridade, retenção escolar, ocupação, arranjo e renda familiar) dos participantes da pesquisa;
- Determinar os escores de violência psicológica sofrida pelos estudantes e a sua relação com as variáveis sócio-demográficas;
- Identificar a ocorrência de outros tipos de violência (física, negligência e sexual), seu perpetrador, contexto de sua ocorrência e sua relação com as variáveis sócio-demográficas;
- Analisar a relação entre os escores de violência psicológica e a ocorrência dos demais tipos de violência estudados.

REVISÃO DA LITERATURA

3. REVISÃO DA LITERATURA

3.1 Definições de adolescência

O desenvolvimento do adolescente caracteriza-se por processos biológicos, psicoafetivos, cognitivos e sociais que requisitam do ambiente condições para que possam se realizar de maneira satisfatória. Dessa forma, a família e o contexto sócio-comunitário, representado pela escola e outros ambientes freqüentados pelo adolescente, desempenham um papel essencial em seu crescimento e formação.

Legalmente a adolescência é definida pelo período evolutivo entre 12 e 18 anos de idade (BRASIL, 1995). Essa definição difere da fixação etária da Organização Mundial da Saúde (OMS, 1965), também seguida pelo Ministério da Saúde no Brasil.

Segundo a Organização Mundial de Saúde, a adolescência constitui um processo fundamentalmente biológico de vivências orgânicas, no qual se aceleram o desenvolvimento cognitivo e a estruturação da personalidade. Abrange a pré-adolescência (faixa etária de 10 a 14 anos) e a adolescência propriamente dita (dos 15 aos 19 anos). Essas mudanças físicas aceleradas e características da puberdade, diferentes do crescimento e desenvolvimento que ocorrem em ritmo constante na infância, surgem influenciadas por fatores hereditários, ambientais, nutricionais e psicológicos (OMS, 1965).

Paralelamente ao desenvolvimento físico, ocorre o desenvolvimento cognitivo como a extensão das habilidades de raciocínio concreto para o abstrato (MUSSEN, 1977). Esse ganho evolutivo permite ao adolescente pensar em possibilidades futuras, não se restringindo apenas às experiências imediatas do aqui e agora.

Essa intensa etapa de maturação física e cognitiva (GUIMARÃES; PASIAN, 2004) é acompanhada por transformações psicológicas e sociais, de forma que tais fenômenos não devam ser estudados dissociadamente (OSÓRIO, 1996).

Alguns autores concebem essas transformações como cruciais nomeando-a como síndrome da adolescência normal, uma vez que esse período crítico de

definições da identidade (sexual, profissional, de valores) e sujeito à crises é esperado e considerado normal nessa etapa evolutiva (PERES; ROSENBERG, 1989).

Quanto à diferenciação entre o que é definido como normal e patológico para esta etapa do desenvolvimento, Marcelli e Braconnier (1989) apontam que os critérios são questionáveis, sendo necessário considerar o nível global de adaptação do adolescente, sua maleabilidade cognitiva, afetiva e social para interagir com sua realidade de forma saudável, reconhecendo seus limites e possibilidades de desenvolvimento. Sendo a questão afetiva considerada importante na interação com o meio e com consequências para o desenvolvimento. “...os aspectos do meio ambiente mais importantes no curso do desenvolvimento psicológico são, de forma esmagadora, aqueles que têm significado para a pessoa numa dada situação.” (BRONFENBRENNER, 1996, p.9)

Clímaco (1991) compreende a adolescência como um período de desenvolvimento constituído sócio-historicamente. A sociedade moderna gerou grandes modificações nas formas de vida: as revoluções industriais com a sofisticação do trabalho exigindo maior formação escolar; o desemprego crônico/estrutural da sociedade capitalista exigiu o adiamento do ingresso dos jovens no mercado; o prolongamento da expectativa de vida aumentou desafios no mercado de trabalho e formas de sobrevivência. Tais questões definiram condições para que se mantivessem as crianças mais tempo sob a tutela dos pais, sem ingressar no mercado de trabalho, mantendo-as na escola longe dos pais e próximas aos pares. Foi constituído, assim um novo grupo social definido como a adolescência, período no qual questões sociais e históricas vão constituindo uma fase de afastamento do trabalho e preparo para a vida adulta. Nessa nova condição, apesar de possuir todas as condições cognitivas, afetivas e fisiológicas para participar do mundo adulto, o adolescente deveria permanecer à espera para esse ingresso no mundo do trabalho. Desse modo, se distanciavam da autonomia e condições de sustento, aumentando o vínculo de dependência do adulto.

A adolescência é, dessa maneira, caracterizada também por um movimento gradual de afastamento do núcleo familiar de origem em direção ao mundo da escola, do bairro e da sociedade. Assim, a relação com o grupo de colegas e amigos ganha maior importância e torna-se referência para a construção da identidade e

diferenciação em relação ao outro, para a construção das relações afetivas, bem como para o amadurecimento e entrada no mundo do trabalho e na vida adulta.

Essa dependência física, emocional e cognitiva dos adolescentes pelos adultos, os torna excepcionalmente suscetíveis ao abuso e à violência. E estar exposto à violência em um contexto, parece ser um facilitador para a vitimização e perpetração em outro contexto, favorecendo a sua coocorrência (BAILEY; WHITTLE, 2004). Se ao passar por essa etapa evolutiva, o adolescente não encontrar um contexto de cuidado e de referências seguras ou sofrer algum tipo de violência ou maus-tratos, o seu desenvolvimento poderá ser prejudicado.

Assis e Avanci (2004b) apontam que vários fatores tornam o adolescente mais vulnerável a sofrer problemas que tenham implicações negativas para o seu desenvolvimento. Dentre estes fatores estão: os individuais (sexo; idade; características psicológicas como auto-estima); os familiares (violência física, psicológica, sexual e negligência; arranjo familiar); os socioculturais (pobreza, violência no contexto social, apoio/suporte social) e os biológicos. A relevância está em compreender como esses fatores articulam-se entre si e interferem no comportamento e na saúde do adolescente.

Nota-se, assim a necessidade de identificar o tipo de abuso sofrido pelo adolescente, em quais contextos ocorrem, quais os perpetradores e quais fatores individuais e ambientais podem atuar como fatores de proteção e quais aumentam a sua vulnerabilidade à vitimização.

3.2 Violência – alguns conceitos

A Organização Mundial da Saúde (KRUG et al., 2002, p. 05) define violência como:

O uso intencional da força física ou do poder, real ou em ameaça, contra si próprio, contra outra pessoa, ou contra grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar, uma lesão, morte, dano psicológico, deficiência de desenvolvimento ou privação.

Essa definição associa intencionalidade com a prática do ato propriamente dito, independentemente do resultado produzido. Dessa maneira, os incidentes não intencionais, tais como, a maioria das lesões de trânsito e queimaduras acidentais, estão excluídos dessa definição. Atos que resultam de uma relação de poder, inclusive ameaças e intimidações incluem-se nessa definição de violência, assim, o "uso do poder" também serve para incluir negligência ou atos de omissão. Segundo Krug et al. (2002) "o uso da força física ou do poder" deve compreender a negligência e todos os tipos de abuso físico, sexual e psicológico, bem como o suicídio e outros atos de auto-abuso".

Silva e Salles (2010) conceituam a violência como um ato de brutalidade, física e/ou psíquica contra alguém, em que as relações interpessoais se caracterizam por opressão, intimidação, medo e terror. Não a reduz ao plano físico, a violência pode manifestar-se também por signos, preconceitos, metáforas, desenhos, por qualquer coisa que possa ser interpretada como aviso de ameaça.

Quanto à definição de violência, Waiselfisz (2011) afirma que mesmo havendo dificuldades na sua conceituação, alguns elementos consensuais sobre o tema podem ser delimitados: a noção de coerção ou força; o dano que se produz em um indivíduo ou em um grupo de indivíduos pertencentes a determinada classe ou categoria social, gênero ou etnia. O autor aponta ainda que nas últimas décadas houve uma expansão do entendimento da violência, com sua consequente reconceitualização. Dessa forma, acontecimentos considerados comuns nas relações sociais como a violência intrafamiliar contra adolescentes e a violência nas escolas passam a ser identificados como manifestações de violência.

Porém, a ausência de denúncia da violência cometida contra crianças e adolescentes é apontada por três causas: medo de denunciar; aceitação social da violência, justificada como estilo de educação principalmente quando não produzem danos físicos, visíveis e duradouros; e serviços de escuta (disque-denúncia, delegacias, serviços de saúde e de assistência social, escolas, conselhos tutelares e a própria comunidade) que não estão preparados para o acolhimento e atendimento da vítima (BRASIL, 2008).

Esses dados, bem como a escassez de estudos sobre a temática no Brasil apontada por Assis et al. (2004), auxiliam no entendimento da atual dificuldade em identificar e definir alguns comportamentos e relacionamentos como sendo formas

da manifestação da violência, principalmente os que ocorrem no contexto familiar. Segundo os autores, os únicos dados disponíveis sobre pesquisas populacionais informam que 20% das crianças e adolescentes brasileiros sofreram agressão física no Brasil no ano de 1988. Essa pesquisa também apontou a predominância de abuso psicológico entre os escolares investigados, seguido por abuso físico severo e abuso sexual.

Somente na década de 80 a temática da violência passou a ter visibilidade como um problema de saúde pública, ampliando o espaço para se discutir a questão dos maus-tratos. Na década de 90 ainda se desconhecia a frequência exata dos casos de abuso contra o adolescente, pois contava-se com o apoio de poucos serviços existentes no país para a identificação e atendimento das famílias que praticam maus tratos (DESLANDES, 1994) problema que perdura atualmente.

Quanto à classificação da violência, a OMS (KRUG et al., 2002) propõe sua classificação em três grandes categorias, conforme as características de quem comete o ato de violência: violência dirigida a si mesmo (auto-infligida); violência coletiva e violência interpessoal. Assim, a violência auto-infligida é expressa por comportamento e pensamentos suicidas, tentativas de suicídio e auto-abuso como a automutilação. A violência coletiva é subdividida em violência social, política e econômica e inclui crimes de ódio cometidos por grupos organizados e atos terrorista, guerras. E, por fim, a violência interpessoal, dividida em duas subcategorias:

- Violência da família e de parceiro(a) íntimo(a) - ou seja, violência que ocorre em grande parte entre os membros da família e parceiros íntimos, normalmente, mas não exclusivamente, dentro de casa;
- Violência comunitária – violência que ocorre entre pessoas sem laços de parentesco (consanguíneo ou não), e que podem conhecer-se (conhecidos) ou não (estranhos), geralmente fora de casa.

Entendemos que a primeira subcategoria inclui a violência intrafamiliar contra os adolescentes e a segunda engloba violência entre pares (*bullying*) e violência em instituições, tais como as praticadas nas escolas, nos locais de trabalho.

Quanto a sua natureza os atos violentos podem ser classificados em físico; sexual; psicológico e envolvendo privação ou negligência e ocorrem em cada uma das categorias citadas anteriormente com exceção da violência auto-infligida. Há de

se considerar que tanto em pesquisas quanto na prática, as fronteiras entre os diferentes tipos de violência nem sempre são tão claras (KRUG et al., 2002).

Podem ocorrer no âmbito familiar, nas relações interpessoais nas ruas e nas instituições e está presente nas zonas rural e urbana. Vitimiza todas as faixas etárias, porém são as crianças e os adolescentes, por estarem em processo de crescimento e desenvolvimento, os que sofrem maiores repercussões por apresentarem-se em situação de maior vulnerabilidade (SANCHEZ; MINAYO, 2006).

3.3 Violência contra adolescentes

Koller (1999, p. 33) define violência como “ações e/ou omissões que podem cessar, impedir, deter ou retardar o desenvolvimento pleno dos seres humanos”. Dessa forma, a violência caracteriza-se por ser um ato intencional, que deve ser analisado em relação à sua frequência, intensidade, severidade e duração. Assim, se o indivíduo é submetido, desde a infância, a situações de abuso, maior será o comprometimento em relação ao seu desenvolvimento. A autora acrescenta ainda que a maioria dos casos de maus tratos ocorre na residência do adolescente desde a sua infância, sendo o agressor um parente próximo (pai, mãe, padrasto, madrasta, tio, irmão mais velho) do abusado.

A violência intrafamiliar compreende atos e/ou omissões praticados por pais, parentes ou responsáveis pelo adolescente, causando-lhe dor ou dano, podendo ser de natureza física, sexual, psicológica implícita, ou negligência (AZEVEDO; GUERRA, 1995). Costuma prolongar-se por muito tempo, uma vez que a família, considerada o agente protetor da criança, tende a acobertar ou silenciar o ato de violência, seja pela cumplicidade dos adultos e /ou pelo medo que as vítimas têm de denunciar o perpetrador (PIRES; MIYAZAKI, 2005).

Essa violência infringida ao adolescente no contexto familiar quando expressa pelas práticas disciplinares autoritárias, punitivas e permissivas (PATTERSON, 1982) são frequentemente justificadas como práticas educativas. Essas práticas disciplinares podem representar fatores de risco para desencadear o abuso e contribuir para que os filhos fiquem mais propensos à exclusão por seus pares e a

sofrer vitimização em outros contextos como na escola, na relação com os amigos, e depois na rua (CECCONELLO; ANTONI; KOLLER, 2003; SOUZA; JORGE, 2006).

A violência contra adolescentes no ambiente familiar pode ocorrer por meio de violência física, negligência, violência sexual e violência psicológica, sendo esse conjunto de atos violentos denominado de “maus-tratos” (DESLANDES, 1994).

A violência física corresponde ao emprego de força física no processo disciplinador do adolescente, seja por meio de uma ação única ou repetida, não acidental, cometida por um adulto que provoque conseqüências leves ou extremas como a morte. A negligência é a omissão de responsabilidade de um ou mais membros da família em relação a outro, sobretudo àqueles que precisam de ajuda por questões de idade ou alguma condição física, permanente ou temporária (GUERRA, 1998).

Violência sexual contra o adolescente é compreendida como toda ação na qual uma pessoa, em situação de poder, o obriga à realização de práticas sexuais, utilizando força física, influência psicológica ou uso de armas ou drogas. Pode manifestar-se ainda por uma ação ou jogo sexual (hetero ou homossexual) entre um ou mais adultos e o adolescente, tendo por finalidade estimulá-lo sexualmente ou utilizá-lo para obter estimulação sexual (LACRI, 2000, p.4).

Viodres Inoue e Ristum (2008) apontam para a necessidade de se analisar a violência sexual de forma contextualizada, atentando para a sua ocorrência concomitantemente com a violência psicológica (intimidações que a vítima sofre) cujas consequências podem ser maiores que as da própria violência sexual.

A violência psicológica inclui toda ação ou omissão que causa ou visa a causar dano à auto-estima, à identidade ou ao desenvolvimento da pessoa. É a forma mais subjetiva de agressão e deixa profundas marcas no desenvolvimento, podendo comprometer toda a vida mental (DAY et al., 2011).

3.4 Violência psicológica

Violência psicológica é uma das formas de violência mais difícil de ser identificada, sendo pouco visível nos serviços de saúde. Esta presente nos espaços

de convivência do adolescente como família, escola, trabalho, grupos sociais, rua e outros. Representa a situação em que o adolescente é desqualificado em suas capacidades, potencialidades, desejos e emoções, ou cobrado excessivamente por pessoa significativa (principalmente pais e/ou responsáveis) durante o período de desenvolvimento (PITZNER; DRUMMOND, 1997). Esse tipo de violência está associada com frequência a outros tipos de abuso (DESLANDES, 1994) e pode assumir duas formas básicas: a de negligência afetiva, caracterizada por uma falta de responsabilidade e de interesse para com as necessidades e manifestações do indivíduo e a de rejeição afetiva, definida por manifestações de depreciação e agressividade para com o adolescente (AZEVEDO; GUERRA, 2007).

A importância da compreensão das conseqüências da violência psicológica está no fato de que ela, enquanto fator de risco para o desenvolvimento do adolescente, prejudica significativamente sua auto-estima e sua capacidade de estabelecer relações interpessoais (AVANCI et al., 2005).

No presente trabalho, nos apoiaremos no referencial Bioecológico do Desenvolvimento para auxílio na compreensão do fenômeno da violência cometida contra adolescentes nos diferentes contextos em que ela se manifesta.

3.5 A violência sob a perspectiva bioecológica de desenvolvimento

A violência é o resultado da complexa interação de fatores individuais, de relacionamento, sociais, culturais e ambientais. A partir de tal concepção de violência é possível utilizar o modelo bioecológico para a sua compreensão. Tal modelo foi inicialmente aplicado ao abuso infantil e, posteriormente, à violência juvenil por Garbarino (1985) na década de 80 (KRUG et al., 2002).

O modelo bioecológico explora a relação entre fatores individuais e contextuais, considerando as interações que ocorrem entre diversos sistemas. Nele são consideradas as diversas causas da violência e a interação dos fatores de risco dentro da família e de contextos mais abrangentes, como a comunidade, a sociedade, o cultural e o econômico (KRUG et al., 2002).

A figura abaixo ilustra a interação entre o indivíduo, suas relações, a comunidade e a sociedade:

Figura 1: Modelo ecológico para compreender a violência

Fonte: KRUG et al., 2002.

Segundo Krug et al. (2002), o primeiro nível do modelo bioecológico busca identificar os fatores históricos (biológicos e pessoais) que o adolescente possui e quais características aumentam a possibilidade de se tornar uma vítima ou um perpetrador da violência. O segundo nível explora como as relações sociais próximas (por exemplo, com membros da família) aumentam o risco para vitimização e perpetração da violência. O terceiro nível do modelo bioecológico analisa os contextos comunitários em que as relações estão embutidas (como escolas, locais de trabalho e vizinhança) e procura identificar as características desses cenários que estão associadas ao fato de a pessoa ser vítima ou perpetrador da violência. O quarto nível analisa os fatores sociais mais amplos que influenciam os índices de violência incluindo os fatores que a favorecem e os que inibem sua ocorrência. Os principais fatores sociais incluem: normas culturais que apoiam a violência como uma forma aceitável para solucionar conflitos; normas que dão prioridade aos direitos dos pais sobre o bem-estar da criança; normas que reafirmam o domínio masculino sobre as mulheres, crianças e adolescentes; políticas de saúde, educacionais, econômicas e sociais que mantêm altos os níveis de desigualdade econômica e social entre os grupos na sociedade.

Há na literatura outros autores que consideram a abordagem Bioecológica do Desenvolvimento Humano apropriada ao se considerar o fenômeno da vitimização

(ALVES; EMMEL, 2008). Essa abordagem prioriza quatro componentes para a compreensão do desenvolvimento: o tempo, a pessoa, o processo e o contexto, bem como suas dinâmicas e interações. O tempo é compreendido pelo momento histórico em que a pessoa está vivendo (momentos políticos) e pelos eventos de vida (faixa etária, arranjo familiar, situação de vitimização), tendo influência sobre o seu desenvolvimento. A pessoa é percebida como a união de todas as características biológicas (físicas e genéticas), psicológicas e sociais. O processo consiste na transformação das interações da pessoa com o seu ambiente através de períodos consideráveis de tempo.

O contexto compreende quatro sistemas: microssistema, mesossistema, exossistema e macrossistema. Microssistema é o ambiente imediato frequentado pela pessoa, no qual estabelece relações caracterizadas por sua manutenção no tempo e por padrões de atividades que influenciam diretamente o desenvolvimento de habilidades emocionais e sociais (como por ex., a família e a escola). Quando a pessoa interage com outros ambientes, além do microssistema imediato, o conjunto e as relações entre eles formam o mesossistema. O exossistema é o conjunto de contextos nos quais a pessoa não estabelece relações face a face, mas mesmo assim sofre a influência direta em seu desenvolvimento, como, por exemplo, a direção da escola. O macrossistema é o conjunto de aspectos relativos ao sistema de crenças, cultura, valores, ideologias do grupo social no qual a pessoa se insere e que influencia o seu desenvolvimento (MAYER; KOLLER, 2012).

Para Azevedo e Guerra (1997) o modelo bioecológico na compreensão da violência procura superar o pressuposto unicausal, substituindo-o pelo da multicausalidade decorrente da interação de fatores do macrossistema (cultura, valores, ideologias do grupo social) e microssistema (escola, família e indivíduo). Assim, esse modelo oferece uma compreensão das interações entre alguns importantes ambientes de desenvolvimento do adolescente como família e escola (POLETTTO; KOLLER, 2008).

Alguns autores especificam que as experiências negativas vividas na infância, principalmente as vivenciadas no ambiente familiar são as que potencialmente mais prejudicam o desenvolvimento do adolescente. É consensual que o relacionamento familiar, independente da cultura em que adolescente esteja inserido, exerce fundamental importância à sua estruturação psíquica (BENETTI et al., 2005;

AVANCI et al., 2007). Assim sendo, a partir da abordagem bioecológica, a família pode exercer a função de proteção como também de risco. Famílias onde a punição física (violência física) é empregada como forma de educação, ou quando há ameaças de rompimento dos laços emocionais entre o adolescente e os pais (violência psicológica), podem propiciar fatores de risco para o seu desenvolvimento (POLETO; KOLLER, 2008). Portanto, as condições oferecidas por determinadas práticas parentais desfavorecem as relações afetivas, importantes para os processos desenvolvimentais que deveriam ser baseadas em reciprocidade, equilíbrio de poder e relação afetiva (BRONFENBRENNER, 1996).

A escola é outro contexto desenvolvimental que possui papel fundamental na socialização, pois participa da regulação da atenção, emoções, aprendizagem e comportamentos. Nesse microssistema são vivenciadas relações entre pares, grupos, amizade, competição, rivalidade, aprendizagem. A escola pode promover a auto-estima dos estudantes, capacitando-os em habilidades sociais, além de influenciar o relacionamento entre o grupo de iguais por meio de normas, regras e da cultura da instituição. Assim como a família, ela pode representar fator de risco ou proteção para o desenvolvimento saudável do adolescente (LISBOA; KOLLER, 2001).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação - LDB (BRASIL, 1996) assegura ao estudante o seu pleno desenvolvimento, assim como o preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho. Em seu artigo 5º, incisos I e IV, é esclarecido que para cumprir as finalidades do ensino médio, as escolas organizarão seus currículos de modo a ter presente que os conteúdos curriculares não são fins em si mesmo, mas meios para constituir competências cognitivas e sociais, priorizando-as sobre as informações; reconhecer que as situações de aprendizagem provocam também sentimentos e requerem a afetividade do aluno.

A LDB (seção IV, Do Ensino Médio) aponta ainda como finalidade do Ensino Médio é o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico, expressando, dessa maneira, a importância atribuída legalmente à instituição de ensino os fatores de proteção necessários para o desenvolvimento do escolar. No entanto, a maioria das instituições de ensino se preocupa apenas com a transmissão do conhecimento intelectual, não auxilia o aluno na expressão de suas

potencialidades e em suas dificuldades individuais (situação de vitimização), assim como as dificuldades coletivas (relações conflituosas entre alunos, entre alunos e professores), são ignoradas.

O desenvolvimento saudável do adolescente depende de interações permeadas por sentimentos afetivos positivos, reciprocidade e equilíbrio de poder, no entanto, relações negligentes ou abusivas podem ser encontradas em práticas educativas na família ou escola sendo a violência psicológica a mais recorrente.

Considerando a importância de identificar e caracterizar o fenômeno, assim como em quais contextos ocorre (familiar, escolar, entre outros lugares de convivência do adolescente) e seus perpetradores, o presente trabalho pretende investigar o fenômeno tendo como sujeitos a população de uma instituição escolar onde a pesquisadora exerce a função de psicóloga. Acreditamos que os dados levantados a partir dessa investigação poderão auxiliar na elaboração de estratégias de intervenções para a proteção desses adolescentes e prevenção do abuso.

MÉTODO

4. MÉTODO

4.1 TIPO DE ESTUDO

Trata-se de um estudo descritivo seccional com abordagem quantitativa que investigará a exposição à violência psicológica de um grupo específico de adolescentes, as características dessa população e as relações entre suas variáveis.

Nesse tipo de abordagem a mensuração da exposição e a condição do participante são realizadas simultaneamente, sendo esse delineamento adequado na identificação de pessoas passíveis de intervenção e na geração de hipóteses quanto às causas (LIMA-COSTA; BARRETO, 2003). Estudos seccionais ou transversais investigam a condição de saúde de uma dada população ou comunidade com base na avaliação individual de cada um dos integrantes do grupo produzindo indicadores globais para o grupo estudado (ALMEIDA; ROLQUAYROL, 2002).

4.2 LOCAL DE ESTUDO

O estudo foi realizado em uma instituição pública escolar do interior do estado de São Paulo cujo município foi classificado como sendo de baixa vulnerabilidade juvenil à violência no ano de 2009 (BRASIL, 2009).

Essa instituição iniciou suas atividades em 1996 com o curso Técnico em Mecânica certificando o aluno com o diploma de nível Técnico e do Ensino Médio. Foram mantidas apenas duas turmas iniciais do curso de mecânica no período de 1996 a 1999. Em 2000 a instituição reiniciou a oferta de vagas com o Curso Técnico em Automação Industrial, oferecendo apenas a formação técnica.

Paralelos a estes cursos a escola ofereceu também neste período cursos de formação profissionalizante de nível básico e alguns cursos de qualificação

profissional de nível técnico, como formação de Soldadores e Caldeireiros. Atualmente tem cerca de 800 alunos matriculados distribuídos entre onze cursos que compreendem Ensino Superior, Educação de Jovens e Adultos e Ensino Médio Integrado aos cursos técnicos de Automação Industrial e Química com duração de quatro anos.

Atualmente a escola conta com cerca de 60 professores e com um quadro técnico administrativo de cerca de 30 funcionários efetivos. Quando necessário há a contratação de professores temporários para suprir eventuais necessidades da instituição.

Em seu organograma conta com a direção geral e setores responsáveis pela área administrativa e ensino onde trabalham profissionais com formação pedagógica para dar suporte a assuntos relacionados à educação, uma assistente social e uma psicóloga.

A população desse estudo será composta pelos estudantes dos cursos técnicos na área de Química e Automação Industrial, ambos integrados ao Ensino Médio frequentados por aproximadamente 300 estudantes do município de Sertãozinho e região.

4.3 POPULAÇÃO DO ESTUDO

A população desse estudo foi composta por 218 estudantes dos cursos técnicos na área de Química e Automação Industrial, ambos integrados ao Ensino Médio frequentados por aproximadamente 300 estudantes do município de Sertãozinho e região.

Optamos por trabalhar com a população do estudo e não com a amostra, uma vez que considerando para o cálculo amostral uma taxa de prevalência de violência psicológica na população adolescente de 13,4% (LACRI, 2000), com 1% de margem de erro e com um intervalo de confiança de 95%, teríamos uma amostra muito próxima do universo.

Foram convidados para participar do estudo todos os estudante regularmente matriculados na instituição que preenchessem os seguintes critérios de inclusão:

- ter idade entre 14 e 18 anos;
- ser aluno regular dos cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio em Química e Automação Industrial;
- consentir em participar do estudo e assinar o termo de consentimento livre e esclarecido;
- consentimento dos pais ou responsáveis para a participação do estudante no estudo e assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido.

O critério de exclusão foi o não consentimento dos estudantes ou de seus pais/responsáveis para participar da pesquisa.

4.4 ASPECTOS ÉTICOS

Este projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (EERP) n. protocolo 1276/2011 (ANEXO 1) atendendo às orientações inerentes ao protocolo de pesquisa contido na resolução 196/96 CNS (BRASIL, 1996). A instituição onde foi realizada a coleta de dados também aprovou a realização da pesquisa com seus estudantes.

Para maiores esclarecimentos aos estudantes e seus responsáveis, foram explicados quais os objetivos da pesquisa. Os alunos que concordaram e tiveram o consentimento de seus responsáveis, foram convidados a assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (APÊNDICE A) em duas vias, sendo que uma cópia ficou com o entrevistado e a outra com o entrevistador. No caso dos adolescentes que ainda não completaram 18 anos, o TCLE foi assinado pelos seus representantes legais (pais ou responsáveis).

Consta no TCLE que os participantes são convidados a colaborar voluntariamente, sendo-lhes assegurados a não obrigatoriedade de participação e o total anonimato. Foi esclarecido aos estudantes e seus responsáveis que este estudo não oferecia riscos e que os adolescentes não seriam submetidos a situações constrangedoras ou teriam suas imagens expostas. Foi assegurada também aos participantes a sua retirada do estudo a qualquer momento que

julgassem necessário. Informamos quanto ao segredo em relação às informações e aos participantes, e asseguramos que estes poderiam elaborar todas as perguntas que julgassem necessárias, antes, durante e depois da pesquisa. Foram realizadas ainda orientações individualmente aos alunos e pais quando necessário.

A aplicação dos instrumentos foi realizada em uma sala de aula previamente reservada para tal, na própria instituição de ensino, assegurando a privacidade e o sigilo para a realização da mesma.

4.5 ESTUDO-PILOTO

Foi realizado um estudo-piloto pela pesquisadora visando a aplicação dos instrumentos propostos e adequação para a coleta de dados, assim como a verificação de dificuldades na compreensão das perguntas e da terminologia empregada. Os vinte alunos que participaram dessa etapa da pesquisa foram sorteados aleatoriamente pelo software “*Statistical Package for Social Sciences*” (SPSS). Foi exposto aos estudantes o objetivo da pesquisa e que ficava sob livre escolha a sua participação, sendo mantida a privacidade e desejo de desistir de participar da pesquisa.

Os dados do estudo piloto não foram incluídos nos resultados da pesquisa.

Com o estudo piloto foram realizadas alterações quanto à ordem e apresentação das perguntas do questionário e definido que os instrumentos seriam autopreenchidos pelos sujeitos da pesquisa.

4.6 VARIÁVEIS DO ESTUDO E COLETA DE DADOS

Foram consideradas variáveis do estudo: violência psicológica, violência verbal, violência física, negligência e violência sexual.

Foram avaliadas ainda as variáveis: sexo, idade, naturalidade, procedência, cor, ano escolar, turma, curso, número de retenções escolares, ocupação, estágio

profissionalizante, número de irmãos, composição familiar, situação conjugal dos pais e nível socioeconômico.

A coleta dos dados acima citados foi realizada a partir de um questionário e uma escala autopreenchíveis aplicados pela própria pesquisadora em uma sala da instituição de ensino, em data e horário agendados fora do período de aula.

Os sujeitos que se enquadraram nos critérios de inclusão do estudo foram e convidados a participar do estudo e orientados quanto aos objetivos do mesmo e sobre como se daria a coleta de dados. Seus pais ou responsáveis foram igualmente informados, sendo solicitada a sua ciência por escrito.

Do total de 268 alunos matriculados, 218 (82%) participaram da pesquisa não havendo perda considerada significativa. Os alunos que se mostraram indiferentes ao convite para participar da pesquisa, assim como os alunos que haviam manifestado interesse mas não compareceram na data combinada para responder o questionário foram abordados com o convite por três vezes. Após essas três abordagens não realizamos o convite novamente por entendermos e respeitarmos a vontade do aluno em não participar.

A coleta de dados teve início em novembro de 2012 e terminou em março de 2013, sendo interrompida no período de férias escolares dado o grande número de faltas nos dias agendados para a aplicação dos instrumentos.

A abordagem inicial dos alunos foi realizada em sala de aula, com esclarecimento para todos sobre qual o objetivo da pesquisa e solicitada a participação. Posteriormente, após o consentimento dos pais assinatura o TCL e em data e horários previamente definidos foram aplicados os questionários e explicado e solicitado assinatura do termo permitindo a sua participação na entrevista.

Após a assinatura do termo, teve início a coleta de dados com o auto-preenchimento dos instrumentos. Participaram dessa etapa no máximo 5 alunos de cada vez com o objetivo de manter a privacidade do aluno. A coleta de dados foi realizada na sala de atendimento e em salas de aula que foram utilizadas exclusivamente para esse fim durante a aplicação dos instrumentos.

Os dois instrumentos utilizados foram aplicados na seguinte ordem: questionário - Parte I – caracterização sócio-demográfica (APÊNDICE B), Escala de Violência Psicológica – EVP (Pitzner e Drummond, 1997) (ANEXO 2), Questionário –

Parte II – Identificação do tipo de violência, perpetrador e local de ocorrência (APÊNDICE B).

4.7 INSTRUMENTOS PARA COLETA DE DADOS

4.7.1 Questionário

- Parte I: Caracterização sócio-demográfica (APÊNDICE B)

O questionário foi avaliado por de três juízes especialistas sobre o tema, sendo recomendadas pequenas mudanças.

Esse instrumento tem por finalidade fornecer dados para identificar o perfil dos estudantes contendo as seguintes informações: idade, sexo, idade, naturalidade, procedência, cor, ano escolar, turma, curso, número de retenções escolares, ocupação, estágio profissionalizante, número de irmãos, composição familiar, situação conjugal dos pais e situação econômica familiar.

Os itens referentes ao arranjo familiar, nupcialidade dos pais e renda familiar apresentados na ficha foram elaborados de acordo com categorias eleitas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para o estudo da população brasileira.

- Parte II: Identificação do tipo de violência, perpetrador e local de ocorrência (APÊNDICE B)

Compreende perguntas cuja finalidade é identificar qual ou quais seriam as pessoas significativas na vida a que o adolescente se refere ao responder a Escala de Violência Psicológica. São realizadas ainda perguntas referentes à vivência de violência verbal, negligência, física e sexual; identificação do perpetrador e local de ocorrência da situação de violência.

4.7.2 Escala de violência psicológica (ANEXO 2).

A Escala de Violência Psicológica (EVP), originalmente *Psychological/Verbal Abuse Scale* construída por Pitzner e Drummond (1997) é um instrumento unidimensional que objetiva identificar experiências em que uma pessoa significativa depreciou qualidades, capacidades, desejos, e emoções do adolescente, além de impor cobranças excessivas durante.

Neste trabalho foi utilizada a escala validada e adaptada para a população brasileira por Avanci (2005) com resultados considerados adequados no que se refere às equivalências conceitual e de itens. A escala apresentou consistência interna (alfa de Cronbach) de 0,94, e o Índice de Correlação Intraclasse de 0,82. A escala correlacionou-se com a escala de apoio social, autoestima e com as escalas utilizadas para aferir outras formas de violência, apresentando assim validade de constructo. A análise de fatores identificou uma estrutura fatorial e variância similar ao instrumento original. Os autores colocam ainda que os resultados dos coeficientes psicométricos encontrados no estudo de confiabilidade e validade do instrumento sugerem a sua aplicabilidade na população brasileira.

Este instrumento autopreenchível é constituído por 18 itens fechados, com cinco opções de respostas: *nunca, raramente, às vezes, quase sempre e sempre*. Cada resposta varia, respectivamente, de um a cinco pontos e o maior escore indica presença severa de violência psicológica.

Foi observado pelas autoras plena aceitação e compreensão por parte dos adolescentes que participaram da pesquisa, com baixo percentual de itens deixados em branco e sem recusa (AVANCI et al., 2005).

Segundo Avanci et al. (2005), o escore da escala de VP é definido como a razão entre o somatório dos pontos associados às frequências de cada um dos itens (de 1 – nunca a 5 – sempre) e a pontuação máxima que seria alcançada (90).

4.8 ANÁLISE DOS DADOS

Os dados foram estruturados e validados em planilha Excel, com dupla digitação com vistas à verificação de possíveis erros de transcrição. Posteriormente, foram exportados para o software SPSS versão 16.0 para a análise estatística dos dados.

Foi utilizada estatística descritiva para análise e caracterização sociodemográfica da população estudada e a exposição à violência psicológica, como medidas de tendência central (frequência simples, média, mediana, máximo e mínimo) e medidas de dispersão (desvio-padrão). Para a análise das variáveis violência física, sexual e negligência, identificação de perpetradores e contexto de ocorrência, também foram utilizadas medidas de tendência central (frequência simples).

Os dados referentes à variável violência psicológica foram analisados segundo os quartis, valores mínimos e máximos, média e mediana. Neste trabalho, foi utilizada a classificação dos escores preconizada por Abranches (2012) em que o ponto de corte foi estabelecido como valores acima e abaixo do terceiro quartil, sendo definidas 2 categorias: *ausente a moderada* e *severa*. Diferenciamos ainda a categoria *ausente* da demais pela relevância de se distinguir os sujeitos que apresentaram pontuação zero dos que apresentaram algum tipo de exposição à violência psicológica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1 Caracterização da população

Participaram do estudo 218 alunos correspondendo a 82% do total (268), tendo sido excluído 20 alunos que participaram do piloto.

As características sociodemográficas da população estudada estão apresentadas na Tabela 1.

Tabela 1 – Distribuição em número e porcentagem dos estudantes de acordo com características sociodemográficas e variáveis do contexto familiar (N=218). Sertãozinho, 2013.

Variáveis		N	%
Sexo	masculino	108	49,6
	feminino	110	50,4
Idade	14	25	12
	15	49	22,4
	16	70	32,1
	17	38	17,0
	18	36	16,5
Cor	branco	120	55,0
	pardo	75	34,0
	preto	17	8,0
	amarelo	4	2,0
	indígena	2	1,0
Estrato social	B	9	4,0
	C	108	49,4
	D	66	30,2
	E	32	15,0
	não respondeu	03	1,4
Trabalho	sim	48	22,0
Idade inicio trabalho	7-13	5	2,2
	14 -18	40	18,3
	não respondeu	3	1,4
Situação conjugal dos pais	casados ¹	182	83,4
	divorciados	32	14,6
	outros	04	2,0

¹ Esta categoria inclui também união estável

Utilizamos os conceitos de adolescência preconizados pela OMS, que estipula a faixa etária de 10-19 anos, e o conceito do ECA que estabelece esse período correspondente dos 12 aos 18 anos de idade. Assim, foram convidados a participar do estudo adolescentes de até 19 anos incompletos de ambos os sexos.

A importância em estudar essa faixa etária advém das repercussões danosas a curto e longo prazo que as vivências de violência, em especial a violência psicológica, promovem como danos reais e potenciais na saúde física e mental dos adolescentes (FINZI-DOTTAN, KARU, 2006; WEBB et al., 2007; GIBB, CHELMINSKI, ZIMMERMAN, 2007). Assis e Constantino (2003, p.170) caracterizam os indivíduos nessa faixa etária como “vítimas privilegiadas, por serem hierarquicamente menos poderosas no equilíbrio familiar e pelo grau de fragilidade e dependência, próprios da infância e adolescência”.

Com relação ao sexo 108 (49,6%) são do sexo masculino e 110 (50,4 %) do sexo feminino, com idade média de 16 anos, com desvio padrão de 1,234, variando entre a idade mínima de 14 e a idade máxima de 18 anos, observamos, assim, equilíbrio na proporção de adolescentes do sexo feminino e do sexo masculino na pesquisa. Consideramos importante a caracterização do sexo dos adolescentes participantes do estudo pelo fato da literatura nacional e internacional indicar esse item como relevante para o risco de vitimização. Dessa forma, adolescentes do sexo feminino apresentam-se mais vulneráveis ao abuso sexual e negligência (KRUG. Et al, 2002) perpetrados por pessoas conhecidas e no ambiente doméstico (MINAYO; SANCHES, 2004) do que adolescentes do sexo masculino. A proporção desse tipo de violência é de 1 para 5 meninas e 1 para cada 10 meninos no mundo inteiro (DAY; TELLES; ZORATTO, 2003).

A cor autorreferida pelos entrevistados foi: branca 120 (55%), parda 75 (34%) e preto/amarelo/indígena 23 (11%).

Quanto à classe social², um total de 108 (49,4%) dos adolescentes pertence ao estrato social C. Pertencem aos estratos sociais D e E 98 (45,2%) alunos, ao estrato B, 9 (4%) alunos e 3 (1,4%) não respondeu. Assim, a maior parte da

² Há cinco faixas de renda ou classes sociais definidas pelo número de salários mínimos da família de acordo com o IBGE de: Classe A (Acima 20 salários mínimos); B (10 a 20 salários mínimos); C (4 a 10 salários mínimos); D (2 a 4 salários mínimos); E (até 2 salários mínimos). Salário mínimo em R\$ 622,00 no ano de 2012 (IBGE, 2012).

população investigada pertence aos estratos sociais menos privilegiados C e D. Esse dado sóciodemográfico não é percebido como um fator de risco para a ocorrência da vitimização de adolescentes, pois esse tipo de violência “atinge todas as populações do mundo, independente do nível cultural, social e econômico.” (DAY et al. 2003).

Em relação ao local de residência, a maioria dos sujeitos, 141 (65 %), mora do município de Sertãozinho. Os demais, 77 (35 %) se encontram distribuídos entre cidades da região. Quanto à procedência, 197 (90,4%) são do estado de São Paulo, 11(5%) procedentes do estado do Paraná e os demais, 10 (4,6%) alunos, de outros estados.

Do total de alunos, 48 estão trabalhando e somente 5 trabalham na área do curso técnico que realizam e estudam nos 1º, 3º e 4º anos. Tais dados indicam que são poucos os alunos dos últimos anos que estão atuando na área que escolherem como profissão. Quanto à idade com que começaram a trabalhar, 5 (2,2%) alunos começaram com idades entre 7 e 13 anos, 40 (18,3%) entraram no mercado de trabalho entre 14 e 18 anos e 3 (1,4%) não responderam a este item do questionário.

Quanto à situação conjugal dos pais, 182 (83,4%) alunos têm pais casados ou em união estável, 32 (14,6%) têm pais divorciados e 4 (1,8%), pais solteiros/viúvo. Quanto ao número de irmão, 24 (11%) alunos não tem irmãos (ãs), 108 (50%) tem apenas um irmão (ã), 52 (24%) tem dois, 24(11%) tem três e 7 (3%) tem 4 ou mais irmãos (ãs). Dessa forma, os dados indicam que a maioria das famílias dos estudantes que participaram da pesquisa é constituída por pai, mãe e filho.

Os agravos decorrentes da violência dependem da idade do adolescente, da frequência com que ocorre o tipo de abuso, da relação de proximidade que ele tem com o autor da agressão (FERREIRA et al., 2009). Assim, este estudo buscou caracterizar o arranjo familiar dos adolescentes participantes da pesquisa e observamos que 180 (82,5%) alunos moram com o pai e a mãe, 35 moram só com a mãe, 1 estudante mora só com o pai e 2 alunos moram com outras pessoas. O padrasto esta presente na constituição familiar de 8 alunos (3,7%). Outros membros da família também fazem parte do arranjo familiar, porém com menor expressividade: avó em 19 (9%) das famílias, avô em 5 (2,3%), tia em 3 (1,4%) e outras pessoas não identificadas em 8 (3,7%). Viver apenas com o pai ou com a

mãe (família monoparental) indica mais chance de sofrer violência psicológica na modalidade severa (ABRANCHES, 2012) e negligência (OLIVEIRA; FLORES, 1999) do que viver com ambos (família nuclear). No entanto, a estrutura familiar nuclear pode se caracterizar como um fator de risco para a violência psicológica tornando o adolescente mais vulnerável se houver violência entre os cônjuges (JELLEN et al. 2001). Dessa forma, ao nos basearmos na teoria bioecológica do desenvolvimento, devemos considerar as especificidades de cada família, pois sendo ela um microssistema, apresenta características distintas e próprias que influenciam no modo como seus integrantes se relacionam e na ocorrência de determinados fenômenos como a violência.

As frequências relativas à escolaridade estão apresentadas na Tabela 2.

Tabela 2 – Distribuição dos participantes do estudo, segundo a escolaridade. Sertãozinho, 2013.

Curso técnico	Ano	N	%
Automação Industrial	1ano	43	19,7
	2 ano	28	12,8
	3 ano	24	11,0
	4 ano	15	06,9
Química	1 ano	31	14,2
	2 ano	27	12,4
	3 ano	32	14,7
	4 ano	18	08,3
Total		218	100,0

Participaram deste estudo 110 (50,5%) alunos do curso de automação industrial e 108 (49,5%) do curso de química, ambos os cursos técnicos integrados ao ensino médio.

Ao estudar a população de adolescentes de uma instituição escolar se torna possível realizar comparações com adolescentes da mesma faixa etária de outras populações ou da população em geral, uma vez que estes não trazem características específicas como populações de adolescentes abrigados ou em conflito com a lei, pois, de acordo com Abranches (2012), esse tipo de população se

caracterizada pela convivência mais íntima com distintas formas de violência, não refletindo assim a população em geral.

Houve uma participação regular de ambos os cursos técnicos. O estudo contou com menor participação dos estudantes dos quartos anos. Isso se justifica pela menor disponibilidade de horário devido a realização de estágio curriculares e menor envolvimento com a escola, uma vez que estão se desligando da instituição.

Segundo Abranches (2012), a exigência legal da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido pelos pais ou responsáveis constitui uma limitação para a realização do estudo, uma vez que os principais perpetradores podem impedir ou dificultar a participação do adolescente na pesquisa. No presente estudo não observamos essa dificuldade para o consentimento dos pais/responsáveis na participação de seus filhos na pesquisa. Esse dado pode indicar a naturalização da violência em nossa sociedade, já que muitos pais não compreendem tais ações agressivas, sejam elas físicas ou verbais, como violência, mas sim como estratégia de educação de seus filhos. Este dado reforça a necessidade de nossa sociedade reavaliar o uso de medidas educativas com uso da força, ainda tão banalizadas (BRASIL, 2001).

Tabela 3 - Distribuição dos participantes do estudo, segundo a etapa de escolarização em que ocorreu a retenção escolar (N = 26). Sertãozinho, 2013.

Retenção Escolar	N	%
Ensino fundamental	8	31
Ensino médio	18	69
Total	26	100

A retenção escolar foi vivenciada por 26 alunos; 23 com uma reprova e 3 com duas, o que corresponde a 12% dos adolescentes da pesquisa. A maioria das retenções (69%) ocorreu no Ensino Médio, período em que o indivíduo se encontra na adolescência como demonstra a tabela abaixo. Existem muitos estudos sobre a violência contra adolescentes, no entanto são escassos os que procuram realizar associações entre esse tema e desempenho escolar (PEREIRA, 2006). Essa associação é apontada por Brancalhone (2004) que considerara relevante investigar

o declínio do desempenho escolar, incluindo a retenção, em adolescentes vítimas de violência. O baixo desempenho escolar também é citado por Ferreira e Marturano (2002) como consequência da violência, em específico a sofrida na própria casa do adolescente e associado à vivência de violência psicológica por Abranches (2012).

A violência psicológica é uma das formas de violência mais difícil de detecção e quantificação. Esta presente dos espaços de convivência do adolescente como a família, escola, rua, trabalho, grupos sociais e outros (SANTOS, 2009) e frequentemente associada a outras agressões, principalmente corporais (DAY et al. 2003). Esta também associada a diferentes formas de violência o que foi evidenciado em vários estudos (CAVALCANTI; SCHENKER, 2009; GREENFIELD; MARKS, 2009; MOURA, MORAES, REICHENHEIM, 2008) é apontada como a maior causadora de danos ao desenvolvimento (JELLEN et al. 2001).

Dessa forma, procuramos investigar a ocorrência da violência psicológica e de outras formas de violência (física, sexual e negligência). Para uma maior compreensão do fenômeno procuramos investigar em qual microssistema (casa, escola, rua, casa de amigos, casa de familiares, local de trabalho) ocorre a vitimização e qual a relação desses locais os perpetradores da violência. Para tanto, utilizamos dois instrumentos, a Escala de violência psicológica e um questionário estruturado.

Apresentada com maior frequência, a violência psicológica foi vivenciada por 210 (96,3%) estudantes, seguido da violência física indicada por 76 (34,9%), sexual por 16 (7,3%) e negligência por 6 (2,8%) estudantes deste estudo. Estudos realizados no Brasil e no Peru apontam para a naturalização da violência psicológica, pois os adolescentes consideraram o fenômeno algo normal não se atentando para a dimensão ilegal do fenômeno (FERRIANI; GARBIN; RIBEIRO, 2004; MULLER; WEIGELT, 2005; SILVA et al., 2007; SULLCA; SCHIRMER, 2006).

Nesse estudo, o sujeito que sofreu violência teve como opção de resposta indicar mais de um perpetrador e mais de um local de ocorrência, o que inviabilizou a apresentação dos dados em porcentagem.

5.2 Violência Psicológica

A violência psicológica, dentre as modalidades de violência, é a mais difícil de ser identificada, apesar de ser frequente a sua ocorrência (Brasil, 2001). Neste estudo utilizamos 2 instrumentos para a sua investigação a Escala de violência psicológica (EVP) e um questionário estruturado que possibilitou a identificação dos perpetradores e local de ocorrência dessa modalidade de violência.

A Escala de violência psicológica (EVP) possibilitou a classificação da exposição à violência sofrida pelos adolescentes em três categorias de exposição: ausente, leve e moderada e severa segundo o sexo do aluno (Tabela 4).

Tabela 4 - Classificação dos escores obtidos na Escala de Violência Psicológica, segundo o sexo do aluno. Sertãozinho, 2013.

Classificação Violência Psicológica	Freq Absoluta N		Freq Relativa %	Freq Acumulada %
	feminino	masculino		
Ausente	3	5	3,7	3,7
Leve e moderada	103	103	94,5	98,2
Severa	4	0	1,8	100,0
Total	110	108	100,0	

Com tal classificação, observamos que 206 (94,5%) alunos foram expostos a esse tipo de violência na sua forma leve e moderada, sendo 103 (50%) do sexo masculino e 103 (50%) do sexo feminino. Apenas 8 (3,7%) adolescentes, todos do sexo masculino, responderam nunca aos 18 itens de VP indagados na pesquisa. Esses dados mostram que a violência psicológica, mesmo que vivenciada com intensidade leve e moderada, é um comportamento presente na relação com pessoas significativas na vida da maioria dos adolescentes deste estudo. Essa aceitação da violência foi observada em um estudo sobre violência familiar e intervenção do Programa Saúde da Família de Niterói/RJ em que a violência psicológica nos lares das famílias estudadas mostrou-se frequente e banalizada tanto pela sociedade que a produz quanto pelos profissionais de saúde (ROCHA,

MORAES; 2011). Essa naturalização da violência expressa características do nosso Macrossistema (sociedade) cuja cultura, valores e ideais que aceitam a violência como forma de relacionamento sendo manifestada em todas as classes e segmentos sociais.

A violência psicológica severa, foi vivenciada por 4 adolescentes (1,8%), todas do sexo feminino conforme apresentado na tabela 4. Esse equilíbrio entre as frequência de violência psicológica moderada e o sexo dos adolescentes e predomínio de violência na modalidade severa entre o sexo feminino se contrapõem aos dados observados por Abranches (2012) em que notou-se predomínio do sexo masculino, principalmente em relação à violência psicológica severa.

A Tabela 5 apresenta a distribuição de respostas aos diferentes itens da escala de Violência Psicológica.

Tabela 5: Itens de violência psicológica (N=218). Sertãozinho, 2013.

Itens	Sempre/quase sempre	Às vezes/raramente	Nunca	Não respondeu
Humilhou o adolescente	8	95	115	00
Demonstrou falta de interesse pelo adolescente	10	96	111	01
Culpou o adolescente por falhas que o familiar cometeu	15	113	84	06
Culpou o adolescente por falhas cometidas por outras pessoas	21	106	90	01
Criticou o adolescente pelas coisas que faz e diz	39	137	40	02
Criticou o adolescente pela aparência e pelo modo como se veste	25	84	108	01
Criticou os amigos do adolescente	20	136	62	00
Não elogiou o adolescente quando este tinha feito algo de bom	37	110	71	00
Não encorajou o adolescente quando ele quis fazer algo por si mesmo	21	68	129	00
Disse ao adolescente que ele não era tão bom quanto as outras pessoas	17	47	153	01

Itens	Sempre/quase sempre	Às vezes/raramente	Nunca	Não respondeu
Gritou ou berrou com o adolescente sem nenhum motivo	30	105	83	00
Chamou o adolescente de nomes desagradáveis como “doido”, “idiota” ou “burro”	26	107	85	00
Fez piadas sobre o adolescente na frente de outras pessoas	13	105	100	00
Não acreditou no adolescente	20	138	60	00
Disse ao adolescente que estava errado quando ele disse ou fez alguma coisa	17	170	31	00
Ignorou o adolescente quando procurava carinho	14	73	131	00
Forçou o adolescente a assumir responsabilidade pela maioria das tarefas domésticas	17	65	136	00
Humilhou o adolescente, fazendo piadas sobre o seu corpo	29	111	77	01

Os comportamentos das pessoas consideradas importantes para o adolescente presentes *sempre* ou *quase sempre* no relacionamento, que foram apontados por mais de 10% dos adolescentes, são: ser criticado pelo que faz ou diz; crítica pela aparência e pelo modo como se veste; não ser elogiado quando fez algo de bom; gritos sem motivos; ser chamado por nomes desagradáveis e ser humilhado com piadas sobre o seu corpo.

Comportamentos que igualmente compõem o relacionamento abusivo relatados com menor frequência (às vezes/raramente), apresentados por mais de 50% das respostas são: culpabilizar por falhas; criticar as coisas que o entrevistado faz e diz; criticar os amigos do adolescente; não acreditar no entrevistado; dizer ao entrevistado que ele está errado quando diz e faz alguma coisa e humilhar com piadas sobre o seu corpo.

Dados semelhantes a estes são encontrados por Abranches (2012) com uma amostra de 229 adolescentes em que os itens: ser criticado pelo que faz ou diz; ser chamado por nomes desagradáveis foram apresentados como frequência *sempre* ou *quase sempre* por mais de 10% dos adolescentes. Outros itens com ocorrência

menos frequente (às vezes e raramente) apontados pela pesquisadora foram culpabilização por falhas ocorre em 58,5% das respostas dos adolescentes; não acreditar no entrevistado em 53,7% e dizer ao entrevistado que ele está errado quando diz e faz alguma coisa em 45,4%.

A Tabela 6 apresenta a expressiva parcela de alunos, 206 (94,5%) que foi classificada como exposta a violência psicológica leve e moderada.

Tabela 6 – Associação entre variáveis sociodemográficas e variáveis do contexto familiar e violência psicológica. Sertãozinho, 2013.

Variáveis		Violência Psicológica		
		Ausente	Leve a moderada	Severa
Sexo	masculino	5	103	0
	feminino	3	103	4
Cor	branco	4	114	2
	pardo	4	69	2
	preto	0	17	0
	amarelo	0	4	0
	indígena	0	2	0
Estrato social	B	1	7	1
	C	4	104	0
	D	2	64	0
	E	1	28	3
	Não respondeu	0	03	4
Retenção escolar	sim	0	26	0
Trabalho	sim	1	46	1
	não	7	160	3
Idade que começou a trabalhar	7-13	0	4	1
	14 -18	1	39	0
Nupcialidade dos pais	casados	8	172	2
	divorciados	0	30	2
	outros	0	4	0

Podemos observar que não há diferença significativa quanto à exposição a violência psicológica e variáveis sociodemográficas e arranjo familiar. A não existência de associações entre as variáveis sociodemográficas dessa população e características do arranjo familiar (nupcialidade dos pais e número de irmãos) com a ocorrência de violência psicológica caracteriza esse tipo de violência como um

fenômeno universal que não tem limites culturais, sociais, ideológicos ou geográficos como afirmado por Abranches (2012).

A frequência de pessoas que praticaram violência psicológica são apresentadas no Gráfico 1.

Gráfico 1 – Distribuição das pessoas que praticaram violência psicológica. Sertãozinho, 2013.

Os perpetradores apontados com maior frequência no estudo foram os pais: 99 alunos indicaram o pai e 90 a mãe. A predominância da mãe e do pai na perpetração desta forma de violência encontra respaldo na literatura (ROCHA; MORAES, 2011), bem como é relevante a presença dos irmãos (ãs) (ABRANCHES, 2012).

Ainda no contexto familiar, foram identificados o irmão em 46 situações de abuso emocional, a irmã em 32, o primo em 20 e a prima em 14. Estudos corroboram esses dados e apontam para a necessidade de mais atenção às brigas entre irmãos, naturalizada e banalizada em nossa cultura, mas que é um sinal de disfunção parental ou familiar (BAGLEY, MALLICK 2000; AVANCI et al, 2008).

Dada a sutileza do ato e pela falta de evidências imediatas, esse tipo de violência é de difícil caracterização e conceituação, apesar de ser muito frequente e presente nos discursos dos pais e mesmo dos educadores (ABRAPIA, 1997). Como observado no Gráfico 1 o professor foi indicado por 33 alunos como autor desse tipo de violência. Em pesquisa sobre violência escolar, Marriel et al (2006) identificaram violência psicológica sofrida por estudantes do ensino fundamental e médio. Estes si referiram ser humilhados na escola, devido a brincadeiras entre amigos e opiniões negativas dos educadores, agressões verbais e exposição ao ridículo quando estes não compreendiam o conteúdo. Dados semelhantes aos nossos estudos foram encontrados por Njaine e Minayo (2003) que observaram o despreparo dos professores em lidar com a realidade violenta das escolas e sendo a humilhação e agressões verbais a forma de violência mais sofrida pelos alunos.

Apontados por um número alto de alunos, os colegas de classe e amigos foram responsáveis por agressões que ocorreram principalmente na escola. Esse tipo de agressão também foi identificado por Njaine e Minayo (2003). As autoras observaram que a violência entre os pares se caracteriza por atitudes agressivas explícitas ou veladas que permeiam as relações interpessoais na escola. Essas atitudes foram bastante criticadas pelos alunos de sua pesquisa, pois estes consideraram a escola como um espaço aliado para a sua afirmação. Dessa forma, qualquer referência negativa à sua capacidade, desempenho e comportamento entre si, ou deles com os professores, considerada uma comparação desabonadora em relação aos outros.

Outras pessoas não identificadas foram apontadas por 33 estudantes, pessoas da família como padrasto, madrasta, avô, avó, tio, tia por 54 estudantes e fora do circuito familiar: namorado por 9, namorada por 3. Este estudo não coletou a informação de quantos estudantes namoram, o que não permitiu avaliar a associação entre namorar e ser vítima de abuso cometido pelo namorado (a). Devemos considerar a informação de que uma pequena parcela dos estudantes,

apenas 8, convivem com padrastos e metade desses indicou ter sofrido abuso. Dados fornecidos pela literatura nacional constataram uma associação direta entre a violência, dirigida contra o adolescente, com determinadas configurações familiares, dentre elas esta a presença de padrasto (FERRARI; VECINA, 2002).

Nesse estudo, o sujeito que sofreu violência psicológica teve como opção de resposta indicar mais de um perpetrador, o que inviabilizou a apresentação dos dados em porcentagem.

Tabela 7 – Distribuição das ocorrências de violência psicológica, segundo o perpetrador e o local. Sertãozinho, 2013.

Perpetrador	No. ocorrências	Local de ocorrência da violência	%
Colega escola	130	escola	72,3
		escola/outros	42,3
		rua	3,8
		casa	3,1
		outros	0,8
Pai	99	casa	65,7
		casa e outros locais	15,1
		casa de amigos	7,1
		casa de parentes	6,1
		escola	3,0
		rua	2,0
		outros	1,0
Amigo	96	escola/outros locais	32,2
		escola	30,2
		rua	11,5
		casa	5,2
		casa de amigos	10,4
		rua/outros	5,1
		casa amigo/outros	2,0
		outros	1,0
Mãe	90	casa	78,9
		casa e outros locais	16,5
		escola	1,1
		rua	1,1
		casa de parentes	1,1
		outros	1,1
Irmão	46	casa	78,3
		casa e outros locais	19,5
		casa de amigos	2,2

Perpetrador	No. ocorrências	Local de ocorrência da violência	%
Professor	33	escola	97,0
		outros	3,0
Outros	33	rua	33,3
		outros	21,2
		rua/outros	21
		escola	9,1
		casa	6,1
		trabalho	6,1
		casa de parentes	3,0
Irmã	32	casa	65,6
		casa e outros locais	34,4
Primo	20	casa de parentes	60,0
		casa e outros locais	20,0
		rua/casa de parentes	10,0
		rua	5,0
		casa	5,0
Prima	14	casa de parentes	57,1
		casa e outros locais	21,4
		casa	14,3
		casa/escola	7,1

Podemos observar na tabela 7 que em relação ao contexto de incidência de violência psicológica a maior parte das ocorrências pelos pais, irmãos (ãs) ocorreu na própria casa do estudante. A ocorrência de abusos por parte de primos e primas se dá com maior frequência na casa de parentes.

As situações de violência cometidas por colegas de classe, professores e amigos ocorrem mais frequentemente na escola, seguido de escola juntamente com outros locais.

Foram indicados ainda, como observamos no gráfico 1, avô (7), avó (12), tio (15), tia (12), namorado (9), namorada (3), cometem agressões com maior frequência no ambiente familiar (casa do adolescente ou casa de parentes).

Assim, percebemos que foram no microssistema familiar onde ocorreu a maior parte das situações de abuso emocional, seguido pela escola. Esses microssistemas têm um papel privilegiado junto aos adolescentes e podem se constituir em um contexto de proteção capaz de atuar preventivamente sobre as formas de violência praticadas ou em um contexto de risco.

5.3 Violência física

Vivenciada por 76 (34,9%), a violência física foi a segunda modalidade de violência mais frequente observada nesse estudo. Esse tipo de violência acarreta consequências físicas graves, e mesmo assim, sua prática e aceitação são comuns na sociedade (DAVOLI et al., 1994). Em estudo realizado na cidade de São Paulo, Carmo e Harada (2006) observaram a prática da violência física cometida por 83% de mães e pais que a justificaram como forma de regular o comportamento de seus filhos no cotidiano familiar.

Gráfico 2 – Distribuição das pessoas que praticaram violência física. Sertãozinho, 2013.

Podemos observar no gráfico 2 que no presente estudo os perpetradores mais frequentes de violência física contra o adolescente foram os membros de sua

própria família: mãe, pai, irmão e irmã. A ocorrência frequente desses abusos no ambiente familiar reafirma a utilização dos mesmos como método educativo-disciplinar visto com naturalidade em nossa sociedade para impor limites aos adolescentes (MULLER; WEIGELT, 2005; SULLCA; SCHIRMER, 2006) aumentando a vulnerabilidade da vítima em seu dia-a-dia (GOMES; LUNARDI FILHO, 2004).

Marques, (1986) observou em estudo realizado com um grupo de 43 mães de uma favela do Rio de Janeiro, uma aceitação generalizada da punição física e seu emprego como prática educativa, havendo 41,9% das mães ter declarado maltratar os filhos, dessas, 23,3% reconheceram ter ferido em algum momento e 27,9% disseram já ter usado objetos duros para discipliná-los.

Amigo e outras pessoas não identificados também foram perpetradores de violência física, mas com menor frequência como demonstra o Gráfico 2. Avô, avó, tio, tia foram citados apenas 1 vez, os primos (as) 5, ocorrendo em casa e casa de parentes essa modalidade de violência. Namorada foi identificada como agressora 2 vezes em local não identificados e professor e 2 vezes na escola.

A imagem que a sociedade tem do adolescente de independente, contestador e com poder de defesa pode contribuir para a perpetuação desse fenômeno. O adolescente por não se encaixar na imagem de vítima – indefesa, sem poder, passiva – acaba não sendo considerado vítima no fenômeno de violência física. Assim, a sociedade não se preocupa com eles, não reconhece a existência do abuso físico ou acredita que a agressão física foi merecida e por eles provocada (GARBARINO; 1985). No Brasil além da prática ser muito comum, sendo transmitida de geração a geração, a agressão física contra adolescentes costuma relacionar-se à necessidade dos pais em conter as mudanças de comportamento comuns nessa fase (COSTA et al., 2007), sendo assim empregadas como prática disciplinar e educativa pelos pais (SAFFIOTI, 1997).

A distribuição das ocorrências de violência física, segundo o perpetrador e o local de ocorrência são apresentadas na tabela 8.

Tabela 8 - Distribuição das ocorrências de violência física, segundo o perpetrador e o local de ocorrência. Sertãozinho, 2013.

Perpetrador	No. de ocorrências	Local	%
Mãe	53	casa	92,5
		casa/outros	7,5
Pai	42	casa	98,0
		casa/casa de parentes	2,0
Colega	19	escola	63,2
		rua	26,3
		outros	10,6
Irmão	18	casa	100,0
Irmã	12	casa	91,7
		casa/outros	8,3
Amigo	5	escola	50,0
		rua	25,0
		casa/escola/rua	25,0
Outros	5	rua	80,0
		outros	20,0

A casa do adolescente foi identificada com mais de 90% das ocorrências de violência física cometida pelos pais e irmãos (ãs). A violência intrafamiliar – violência perpetrada por membros da família que moram ou não com a vítima – tem como determinantes a cultura patriarcal e adultocêntrica com a imposição do poder do homem adulto sobre a mulher e a criança/adolescente; a ausência ou dificuldade de diálogo no relacionamento entre pais e filhos; o pacto do silêncio para a manutenção da situação de abuso e preservação da família e a aceitação de castigos físicos como educação familiar (AZEVEDO; GUERRA, 2007). Assim, o adolescente agredido não é tratado como sujeito, sendo suas ações restringidas por medo e ameaças diminuindo, assim, sua capacidade e de buscar ajuda ou de se proteger.

As agressões que envolveram colega e amigo ocorreram com maior frequência no ambiente escolar e seguido pela rua. Essas ocorrências no microssistema escolar representam fator de risco para o desenvolvimento saudável do adolescente (POLETTTO, 2007) e a aparente aceitação da instituição e dos adultos que dela fazem parte favorece a perpetuação da violência nesse ambiente (NETO, 2005).

5.4 Violência sexual

Gráfico 3 – Distribuição das pessoas que praticaram violência sexual. Sertãozinho, 2013.

Os perpetradores mais frequentes de abuso sexual foram colega de escola e pessoa não identificada (outros), seguidos por primo e amigo. O padrasto e o namorado foram identificados como agressores por 2 adolescentes e prima por 1. A frequência maior de ocorrência do abuso sexual por parte do pai ou padrasto da vítima tem sido apontada em vários estudos (MONTEIRO et al., 2008).

Para Furniss (1993) o abuso sexual é determinado por fatores externos (culturais, sociais), pela interação entre agressor e vítima que permite a existência e manutenção do segredo do abuso e por fatores psicológicos (fatores individuais). A manutenção desse segredo se dá pela violência física ou sua ameaça levando o

indivíduo a ser agredido física e psicologicamente. Assim, a vítima de violência sexual dificilmente sofre apenas um tipo de agressão.

Os fatores culturais/sociais (macrossistema) influenciam na ocorrência da agressão e na definição do perpetrador. Para Azevedo e Guerra (2007) o fato do agressor sexual ser homem na quase totalidade dos casos se deve ao fato da vitimização ter suas raízes no padrão patriarcal das relações sociais de gênero no qual o poder do homem, do adulto impera sobre a mulher, a adolescente, a criança, sendo o ambiente familiar o microssistema que mais favorece a ocorrência desse fenômeno.

A tabela 9 apresenta os contextos de ocorrência das situações de abuso perpetradas por cada autor.

Tabela 9 – Distribuição das ocorrências de violência sexual, segundo o perpetrador e o local de ocorrência. Sertãozinho, 2013.

Perpetrador	No. de ocorrências	Locais	%
Colega de escola	4	escola	50,0
		rua	25,0
		casa de amigos	25,0
Outros	4	casa	50,0
		rua	25,0
		casa de parentes	25,0
Primo	3	casa de parentes	100,0
Amigo	3	casa de amigo	72,0
		outros	18,0
Padrasto	2	casa	100,0
Namorado	2	casa	50,0
		rua	50,0
Irmão	1	casa	100,0
Prima	1	casa de parentes	100,0

Com exceção do maior número de agressões realizadas pelo colega de escola ter ocorrido na escola, os demais autores cometeram as agressões no ambiente familiar. Com exceção de colega de escola, amigo e namorado e das pessoas não identificadas, os demais agressores cometeram os abusos no ambiente familiar (casa/ casa de parentes) e faziam parte da família do adolescente.

Como demonstrou os dados deste trabalho, a violência sexual é identificada em maior escala nas meninas, adolescentes e mulheres jovens quando comparado a meninos (BEDONE; FAÚNDES, 2007; FERRIANI; GARBIN; RIBEIRO; FERRIANI; REIS, 2004). Suas consequências são graves destacando os sentimentos de rejeição, distúrbios do sono, aprendizagem, alimentação, depressão, ansiedade, vergonha e medo, gravidez indesejada, abuso de álcool e outras drogas, promiscuidade, sexualização ou abuso de seus filhos, comportamento auto e heterodestruutivo, baixa auto-estima e culpa (DAY; TELLES; ZORATTO, 2003; SILVA et al., 2007; SULLCA; SCHIRMER, 2006).

5.5 Negligência

Gráfico 4 – Distribuição das pessoas que praticaram negligência. Sertãozinho, 2013.

Apontado por uma parcela pequena nos sujeitos, 2,8%, a negligência, segundo Ribeiro e Martins (2009) é marcada pela omissão do responsável em prover necessidades básicas para o seu desenvolvimento como acompanhamento

médico e escolar e esta presente em todas as classes sociais, independente das condições socioeconômicas.

Os adolescentes apontaram os pais como responsáveis pelas situações de negligência vivenciadas na casa e escola. Seguido por outras pessoas não identificadas e padrasto.

Os perpetradores identificados se restringiram aos membros da família por se tratar de um tipo de violência definida pela como omissão de cuidados básicos por parte de pais/responsáveis que, a depender da intensidade, pode acarretar danos físicos, emocionais, psicológicos e até morte, podendo ser identificada em situações em que o adolescente não é adequadamente alimentado, veste-se mal, apresenta higiene precária, não recebe atenção (SOUZA, FLORIO E KAWAMOTO, 2001).

Na tabela 10 observamos que os locais de ocorrência desse tipo de violência foram casa e escola, sendo o primeiro o mais frequente.

Tabela 10 - Distribuição das ocorrências de negligência, segundo o perpetrador e o local. Sertãozinho, 2013.

Perpetrador	No. de ocorrências	locais	%
Pai	5	casa	80,0
		escola	20,0
Mãe	4	casa	75,0
		escola	25,0
Padrasto	1	casa	100,0
Outros	2	casa	100,0

A Tabela 11 indica não haver associações expressivas para a maioria das variáveis estudadas e os diferentes tipos de violência.

Tabela 11 - Associação entre variáveis sociodemográfica e variáveis do contexto familiar e violência física, negligência e sexual. Sertãozinho, 2013.

Variáveis	Itens	Violência Física		Negligência		Violência Sexual	
		sim	não	sim	não	sim	não
Sexo	masculino	36	70	4	103	6	98
	feminino	40	69	2	107	10	98
Cor	branco	40	80	4	115	7	109
	pardo	30	42	2	71	9	64
	preto	4	13	0	17	0	17
	amarelo	1	3	0	4	0	4
	indígena	1	1	0	2	0	2
Estrato social	B	3	6	0	9	2	7
	C	37	71	0	108	5	100
	D	25	41	0	66	7	59
	E	11	21	6	26	2	30
Retenção escolar	sim	11	14	2	23	1	24
Idade início trabalho	7-13	5	0	0	5	1	4
	14 -18	11	29	1	39	3	37
Nupcialidade dos pais	casados ³	59	120	2	177	12	164
	divorciados	16	16	3	29	4	28
	outros	1	3	1	3	0	4

No Brasil, assim como em outras partes do mundo, em diferentes culturas e classes sociais, independentes de sexo ou etnia, crianças e adolescentes são vítimas cotidianas da violência, sendo este um fenômeno universal e endêmico (DAY; TELLES; ZORATTO, 2003).

A distribuição dos sujeitos segundo o sexo apresenta-se homogênea não havendo distinção significativa entre os estudantes do sexo masculino e feminino, com exceção da violência sexual como apresentado na Tabela 11. Ribeiro e Martins (2009) também identificaram essa exceção em relação ao gênero em pesquisa com adolescentes vítimas de violência no município de Pelotas. Para as autoras o que

³ Esta categoria inclui também união estável

contribui para que o gênero feminino lidere a vitimização são a fragilidade física e psicológica herdada da cultura patriarca presente em nossa sociedade.

Percebemos a distribuição da ocorrência de violência sexual em todos os estratos sociais. Azevedo e Guerra (2007) pontuam que tal violência não depende do sistema de estratificação social, assim, não pode ser considerado fenômeno característico da pobreza, não havendo nenhuma etnia e classe social imune a sua ocorrência.

Um dado relevante apresentado pela população estudada foi que todos os estudantes que indicaram vivenciar negligência são do estrato social E, no entanto, Ribeiro e Martins (2009) defendem não existir relação entre vitimização e situação econômica da família, sendo esse tipo de violência presente em todas as classes sociais independente das condições socioeconômicas. O diagnóstico desse tipo de violência é, algumas vezes difícil, pelo fato de que nem sempre é possível diferenciar a negligência causada por atos omissivos dos agressores, daquela ocasionada pela condição socioeconômica desfavorável das famílias (GOMES et al., 2006).

Dos 5 estudantes que começaram a trabalhar com idade inferior a 14 anos, 5 responderam positivamente para vivência de violência física e psicológica e 1 para sexual. Embora o número de estudantes seja pequeno, é importante atentar para esse ingresso precoce no mundo do trabalho e as exposições a diferentes tipos de violência vivenciadas. Esses adolescentes ingressaram de maneira ilegal no mercado de trabalho, uma vez que é permitido trabalhar na condição de aprendiz a partir dos 14 anos de idade conforme artigo 428 da CLT Consolidação das Leis do Trabalho - Decreto Lei 5.452/43. (BRASIL, 1943). Saito (2001) nos atenta que a inserção do adolescente no mercado de trabalho, diferentemente do adulto, requer cuidados e considerações em especial quando essa inserção ocorre precocemente. Essa inserção precoce e ilegal no mercado de trabalho é considerada por Asmus et al. (2005) negativa para o desenvolvimento desses adolescentes, deixando mais vulneráveis a fatores de riscos.

No que diz respeito ao arranjo familiar – consideramos nesse item a nupcialidade dos pais, número de irmão e número de membros da família – a distribuição dos sujeitos foi homogênea. Mesmo havendo mudanças nos arranjos

familiares com o transcorrer do tempo, a violência familiar permanece pela ação ou omissão do adulto sobre o adolescente (RIBEIRO; MARTINS, 2009).

5.6 Violência psicológica comparada às outras formas de violência

A violência psicológica pode estar presente nas demais formas de violência e pode variar desde a desatenção ostensiva até a rejeição total. É difícil ser documentada e diagnosticada, porque não deixa qualquer sinal visível, é ainda potencialmente nociva ao desenvolvimento do adolescente, levando a consequências severas como o rebaixamento da auto-estima (FARINATTI et al., 1993).

Como podemos observar na tabela 12, mais de 90% dos adolescentes que sofreram violência física, sexual e negligência sofreram violência psicológica na modalidade leve e moderada.

Tabela 12 – Associação entre violência psicológica, física, sexual e negligência. Sertãozinho, 2013.

Tipos de violência		Classificação da violência psicológica						Total
		ausente		leve e moderada		severa		
		N	%	N	%	N	%	
Física	sim	1	1,3	71	93,4	4	5,3	76
	não	7	5,0	132	95,0	0	0,0	139
	não resp	0	0,0	3	100,0	0	0,0	3
Sexual	sim	0	0,0	13	81,0	3	19,0	16
	não	8	4,0	187	95,4	1	0,6	196
	não resp	0	0,0	6	100,0	0	0,0	6
Negligência	sim	0	0,0	5	83,0	1	17,0	6
	não	8	3,8	198	94,7	3	1,5	209
	não resp	0	0,0	3	100,0	0	0,0	3

A vivência de violência psicológica foi identificada em 95% dos adolescentes que não sofreram violência física, em 95,4% dos que não sofreram violência sexual e 94,7% dos que não sofreram negligência. Dos 8 alunos que não vivenciaram violência psicológica apenas 1 referiu ter vivenciado outro tipo de violência, a física. Esses dados correspondem aos dados apresentados pela literatura que apontam que a violência seja ela física, sexual ou negligência é, geralmente precedida pela violência psicológica. Para alguns autores, não existe violência física sem que anteriormente não tenha ocorrido a violência psicológica, o que torna necessário a sua identificação para a prevenção de seu agravamento ou evolução para demais tipos de violência (SILVA; COELHO; CAPONI, 2007).

A Tabela 13 complementa os dados discutidos na tabela 12 no que se refere a ocorrência de vitimização.

Tabela 13 - Associação entre violência física, sexual e negligência. Sertãozinho, 2013.

Violência	Física		Sexual		Negligência	
	N	%	N	%	N	%
Física	76	100,0	14	14,5	3	3,1
Sexual	14	87,5	16	100,0	1	6,25
Negligência	3	50,0	1	16,0	6	100

Nessa tabela podemos observar que dos 16 sujeitos que sofreram violência sexual, mais de 85%, sofreu violência física. Dos estudantes expostos a negligência, metade vivenciou violência física. Assim, devemos considerar que as agressões não são excludentes, podendo a mesma vítima ter sofrido uma ou mais formas de agressão.

5.7 Local de ocorrência das agressões

As diferentes formas de manifestação de violência contra adolescentes – psicológica, verbal, física, sexual e negligência – observadas neste estudo ocorreram em maior proporção no ambiente familiar (casa/casa de parentes) e escolar, com maior ocorrência da violência psicológica, seguida pela física. Tais informações se assemelham aos obtidos em estudo sobre prevalência de agressão psicológica e violência física realizado por Clément e Chamberlant (2007). Os pesquisadores encontraram, a partir dos relatos das mães, o predomínio da agressão psicológica em relação à violência física, praticados por um adulto que vive no lar. A agressão psicológica foi especificada pelos autores como o adulto gritar, ameaçar, espancar e xingar a vítima.

Segundo o referencial bioecológico, o desenvolvimento adequado da adolescência depende da capacidade individual de se desenvolver de forma autônoma, com autoestima positiva, e com flexibilidade; da família, considerado o microssistema que provê estabilidade, respeito mútuo, apoio e suporte e do apoio oferecido pelo ambiente social, onde está incluído o microssistema escolar. A violência decorre do desequilíbrio da estabilidade do microssistema (MARTINS; FERRIANI, 2008), que passa então a oferecer risco e não proteção ao adolescente.

Considerando as situações vivenciadas na casa do adolescente e na casa de seus parentes cujos perpetradores foram pessoas da família que moram com o adolescente como (pais, irmãos) ou não moram (tios, avós e primos), podemos esse tipo de violência como violência intrafamiliar. Esse tipo de violência é definida por Araújo (2002) como uma ação que ocorre na família, envolvendo parentes que vivem ou não sob o mesmo teto. Segundo Algeri e Souza (2006), Minayo (2005) e Ferreira (2002) a violência intrafamiliar corresponde a toda a ação ou omissão que prejudique o bem estar, a integridade física, psicológica, ou a liberdade e o direito ao desenvolvimento do indivíduo (definição que abrange os 4 tipos de violência estudados neste trabalho). Pode ser cometida dentro ou fora de casa por algum membro da família, incluindo pessoas que passam a assumir função parental, ainda que sem laços de consanguinidade, e de relação de poder a outra.

A violência familiar representa um importante fator de risco para o adequado desenvolvimento e integração social, embora seja frequentemente justificada pelos agressores como formas de educar e corrigir comportamentos indesejáveis (COSTA et al., 2007). Essa justificativa se construiu historicamente em nossa sociedade, pois os maus-tratos, os abusos físicos e sexuais sempre estiverem presentes na esfera familiar e considerados o exercício do direito dos pais sobre os filhos, assegurado pelas leis, pelos costumes e pelos princípios religiosos (RANGEL, 2001). Assim esse tipo de violência teve a sua manutenção garantida pela interação entre macrossistema (sociedade, costumes) e microssistema (família).

A perpetração por parentes próximos, pessoas que tem um contato diário com a vítima é um agravante para a situação, pois tal proximidade torna difícil a denúncia pela vítima (ARAÚJO, 2002; MINAYO, 2005). Em contrapartida, grande parte dos casos não é notificada aos órgãos competentes pela maioria das pessoas não querer se envolver em assuntos familiares e privados, contribuindo para a manutenção do fenômeno (RIBEIRO; MARTINS, 2009).

Adolescentes que sofreram violência intrafamiliar estão mais vulneráveis e sofrem mais episódios de violência na escola, vivenciam mais agressões na comunidade, ou seja, estão mais vulneráveis e suscetíveis de serem violentadas em outros microssistemas (ASSIS et al., 2004b).

A literatura discorre sobre a violência psicológica como uma das formas de violência familiar (MADU, IDEMUDIA, JEGEDE, 2003; WINDHAM et al, 2004), no entanto, a encontramos em outros âmbitos como o microssistema escolar como constatado em nosso estudo. Williams (2012) observou a coocorrência da vitimização em mais de um ambiente de convivência do adolescente. Em pesquisa feita com 239 alunos de ensino fundamental em São Carlos (SP), a autora constatou que 70% das crianças e adolescentes envolvidos em situações de violência física ou psicológica nas escolas sofrem algum tipo de castigo corporal em casa.

No nosso estudo, a escola foi o segundo contexto de maior ocorrência de situações de violência contra os adolescentes cujos principais autores identificados foram amigos, colegas de escola e professores.

Camacho (2000) aponta duas formas básicas de violência que ocorre no ambiente escolar: física (agressões físicas e depredações) e não física (ofensas verbais, discriminações, segregações, humilhações e desvalorização com palavras e

atitudes de desmerecimento), sendo a última de difícil diagnóstico. Essas experiências ocorrem nos diversos níveis de relações, podendo ter como agente tanto alunos como professores e funcionários.

O fenômeno da violência na escola não se restringe a violência praticada entre os alunos. Como observamos no presente estudo, os alunos referiram sofrer violência, principalmente a verbal, por parte dos professores também. Assim, para ser melhor compreendido é necessário considerar o microsistema institucional escolar, onde o mesmo pode ser o gerador e/ou reforçador de atos violentos no seu contexto. Para tanto, é necessário o aprofundamento do estudo, investigando variáveis que não foram abordadas nesse trabalho.

A maior parte da violência identificada no âmbito da relação professor–aluno segundo Lopes (2001) está relacionada a um conjunto de situações que progridem quantitativa e qualitativamente a cada dia, constituídas principalmente pelo desrespeito, ameaças e agressões verbais. Para o autor, essa categoria de violência proporciona o aumento dos conflitos nessa relação e contribui para o desenvolvimento de violências maiores. Dessa forma, não basta focalizar atos criminosos extremos que ocorrem no ambiente escolar. Para prevenir a violência que ocorre nas escolas é necessário olhar para as violências que se apresentam de forma mais sutis, por vezes camufladas ou justificadas como recurso corretivo para comportamentos inadequados (ABRAMOVAY, 2002) comumente utilizados em nossa sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A violência é um problema complexo e com consequências prejudiciais para o desenvolvimento dos adolescentes. Os tipos de agressões não são excludentes e, portanto, uma mesma vítima pode sofrer mais de um tipo de violência simultaneamente.

O estudo demonstrou que 72,8% dos estudantes vivenciou violência psicológica durante a vida, seguido da violência física (34,9%), sexual (7,3%) e negligência (2,8%) não havendo diferença entre os sexos. Mais de 90% dos adolescentes que sofreram violência física, sexual e negligência sofreram violência psicológica na modalidade leve e moderada o que demonstra a ocorrência da vitimização.

Os comportamentos relacionados a violência psicológica mais indicados pelos adolescentes foram ser criticados pelo que faz ou diz, pela aparência física e pelo modo como se veste, não ser elogiado quando fez algo de bom e violência verbal. Os resultados da pesquisa não indicaram haver diferença significativa quanto à exposição a violência psicológica e variáveis sociodemográficas e arranjo familiar.

Assim, temos que o relacionamento com pessoas consideradas importantes para a maioria dos adolescentes da população estudada apresenta-se permeado por situações de abuso emocional. Os resultados obtidos apontaram ainda que adolescentes expostos a violência psicológica, também foram expostos a outros tipos de violência como as agressões físicas.

Os perpetradores de violência física apontados com maior frequência no estudo foram os pais e os irmãos (ãs) e a maioria das agressões ocorreu na casa do adolescente. Fora do contexto familiar as agressões que ocorreram foram principalmente na escola envolvendo colegas de classe, amigos e professores. Esses dados demonstram o quanto a violência física é utilizada como recurso educativo-disciplinar e naturalizada nas relações entre os irmãos.

Os dados deste trabalho demonstraram que a violência sexual foi identificada com maior frequência no sexo feminino. Os autores mais frequentes do abuso sexual foram colegas de escola e pessoa não identificada, seguidos por primo,

amigo, padrasto, namorado, irmão e prima. Com exceção do maior número de agressões realizadas pelo colega de escola na escola, os demais autores cometeram as agressões no ambiente familiar.

Os adolescentes vítimas de negligência, a minoria entre a população estudada, apontaram os pais como responsáveis por esse tipo de violência vivenciada em casa e na escola.

Não houve associações expressivas para a maioria das variáveis sociodemográficas estudadas e os diferentes tipos de violência.

Dessa forma, podemos observar que as diferentes formas de manifestação de violência contra adolescentes – psicológica, verbal, física, sexual e negligência – ocorreram em maior proporção nos microssistemas familiar e escolar, com maior ocorrência da violência psicológica.

Devemos nos atentar para o fato da violência ser utilizada como forma de disciplinar os filhos, demonstrando a carência de informação e preparo dos pais de adolescentes vítimas em reconhecer as fases do desenvolvimento, repreendendo violentamente comportamentos de crianças e adolescentes completamente normais para esta fase de suas vidas, que infelizmente não são reconhecidos pela família.

Embora seja a violência física escolar a de maior destaque nos meios de comunicação, o presente estudo aponta a violência psicológica como a forma mais comum no contexto escolar investigado, seguido pela física. Apesar de os alunos terem indicado como os perpetradores mais frequentes seus colegas de classe e amigos, eles ainda atribuem aos professores a condição de perpetradores de atos de violência, principalmente a violência psicológica.

Acreditamos ser necessário dar maior visibilidade a violência contra o adolescente, a fim de impedir que a sua prática seja entendida como “normal”, e consequentemente se torne uma forma de violência mais grave.

No presente estudo, a identificação do tipo de violência, perpetrador e microssistema mais frequentes possibilitaram compreender a dimensão do fenômeno na população estudada. Esses dados contribuirão para a construção de projetos de prevenção, mais coerentes com as características e necessidades dessa população, destinados não apenas ao adolescente e sua família, mas também a comunidade escolar. Esperamos ainda que o presente estudo possa auxiliar outros profissionais ligados à área da educação no entendimento da violência contra o

adolescente auxiliando-os para uma prática profissional mais consciente da necessidade da integração entre adolescentes, família e escola.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, M. et al. Violência nas escolas: revisitando a literatura. In: _____. **Violências nas escolas**. Brasília: UNESCO, 2002. p. 67-94.

ABRANCHES, C. D. **A (in) visibilidade da violência psicológica familiar e a saúde mental de adolescentes usuários de um hospital público pediátrico terciário**. 2012. 144 f. Tese (Doutorado em Saúde da Criança e da Mulher) - Instituto Fernandes Figueira, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2012.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA MULTI-PROFISSIONAL DE PROTEÇÃO À INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA (ABRAPIA). **Abuso sexual contra crianças e adolescentes: proteção e prevenção - guia de orientação para educadores**. Petrópolis, RJ: Autores & Agentes Associados, 1997.

ALGERI, S.; SOUZA, L. M. Violência contra crianças e adolescentes: um desafio no cotidiano da equipe de enfermagem. *Revista Latino-americana de Enfermagem*, v. 14, n. 4, p. 625-631. 2006.

ALMEIDA F.N.; ROLQUAYROL M.Z. **Introdução a epidemiologia**. Rio de Janeiro: Medsi, 2002.

ALVES, H. C.; EMMEL, M. L. G. Abordagem bioecológica e narrativas orais: um estudo com crianças vitimizadas. **Paidéia**, Ribeirão Preto, vol.18, n. 39, 2008.

ARAÚJO, M. F. Violência e abuso sexual na família. **Psicologia em Estudo**, v.7, n.2, p.3-11, jul./dez. 2002.

ASMUS, C. I. R. F. et al. Atenção integral à saúde de adolescentes em situação de trabalho: lições aprendidas. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 4, dez. 2005.

ASSIS, S. G.; AVANCI, J. Q. Abuso psicológico e desenvolvimento infantil. In: MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Violência faz mal à saúde**. Série B. Textos básicos de saúde. Brasília: 2004a

_____. **Labirinto de espelhos: formação da auto-estima na infância e na adolescência**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2004b.

ASSIS, S. G.; CONSTANTINO, P. Violência contra crianças e adolescentes: o grande investimento da comunidade acadêmica na década de 90. In: MINAYO, M. C. S.; SOUSA, E. R. **Violência sob o olhar da saúde: infrapolítica da contemporaneidade brasileira**. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2003.

ASSIS, S. G. de, et al. Situação de crianças e adolescentes brasileiros em relação à saúde mental e à violência. **Ciênc. saúde coletiva**. Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, abr. 2009.

_____. Violência e representação social na adolescência no Brasil. **Revista Panamericana de Saúde Pública**, v. 16, n. 1, p. 43-51, 2004.

AVANCI, J. Q. et al. Escala de violência psicológica contra adolescentes. **Rev. Saúde Pública**. São Paulo, v. 39, n. 5, out. 2005.

_____. Fatores associados aos problemas de saúde mental em adolescentes. **Psicologia Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 23, n. 3, set. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722007000300007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 26 jul. 2012.

AVANCI J. Q., ASSIS S. G., OLIVEIRA R. V. C. Sintomas depressivos na adolescência: estudo sobre fatores psicossociais em amostra de escolares de um município do Rio de Janeiro, Brasil. **Cad Saúde Pública**, v. 24, n. 10, p. 2334-2346, 2008.

AZEVEDO, M. A.; GUERRA, V. N. A. **Violência Doméstica na Infância e na Adolescência**. São Paulo: Robe Editorial, 1995.

_____. **Crianças vitimizadas: a síndrome do pequeno poder**. 2ª. ed., São Paulo: Iglu, 2007.

BAGLEY C., MALLICK, K. Prediction of sexual, emotional and pshysical maltreatment and mental health outcomes in a longitudinal cohort of 290 adolescent women. **Child Maltreatment**, v.5, n. 3, p. 218-226, 2000.

BAILEY, S.; WHITTLE, N. Young People: Victims of Violence. **Current Opinion in Psychiatry**. v.17, n. 4. 2004.

BEDONE, A. J.; FAÚNDES, A. Atendimento integral às mulheres vítimas de violência sexual: Centro de Assistência Integral à Saúde da Mulher, Universidade Estadual de Campinas. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 23, n. 2, p. 465-469, 2007.

BENETTI, S. P. C. et al. A violência familiar na perspectiva de crianças e adolescentes. In: HUTZ, C. S. (org) **Violência e risco na Infância e adolescência: pesquisa e intervenção**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.

BOCK, A. M. B. A perspectiva sócio-histórica de Leontiev e a crítica à naturalização da formação do ser humano: a adolescência em questão. **Cad. Cedes**, Campinas, vol. 24, n. 62, p. 26-43, abril 2004.

BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M. e FURTADO, O. (orgs.). **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

BRANCALHONE, P. G. Crianças Expostas à Violência Conjugal: Avaliação do Desempenho Acadêmico. **Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 20, n. 2, p. 113-117, 2004.

BRASIL. **Constituição Federal**. Brasília: 1988.

_____. Decreto-lei nº 5452, de 1 de maio de 1943. Aprova a consolidação das leis do trabalho. **Lex**: coletânea de legislação: edição federal, São Paulo, v. 7, 1943. Suplemento.

_____. **Estatuto da criança e do adolescente**. Organização dos textos, notas remissivas e índices por Juarez de Oliveira. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 1995.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação**. Brasília: 1996

_____. Ministério da Justiça. **Projeto Juventude e Prevenção da Violência: Primeiros resultados**. Brasília: 2009.

_____. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde, Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos. **Resolução Nº 196 de 10 de outubro de 1996**: diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília: 1996.

_____. Ministério da Saúde. **Impacto da violência na saúde das crianças e adolescentes**. Brasília: 2008

_____. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. **Violência intrafamiliar**: orientações para a prática em serviço. Brasília: 2001.

BRITO, A. M. M. et al. Violência doméstica contra crianças e adolescentes: estudo de um programa de intervenção. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 10, n. 1, p. 143-149, 2005.

BRONFENBRENNER, U. **A ecologia do desenvolvimento humano**: Experimentos naturais e planejados. Porto Alegre: Artmed, 1996.

CAMACHO, L. M. Y. **Violência e indisciplina nas práticas escolares de adolescentes: um estudo das realidades de duas escolas semelhantes e diferentes entre si**. 2000. Tese (Doutorado), Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FEUSP), 2000.

CARMO, C. J.; HARADA, M. J. Violência física como prática educativa. **Revista Latino-americana de enfermagem**, v. 14, n. 6, p. 849-856, 2006.

CAVALCANTE, F.; SCHENKER, M. Famílias que se comunicam através de violência. In: NJAINE K; ASSIS SG; Constantino P. (org.). **Impactos da Violência na Saúde**. Rio de Janeiro: FIOCRUZ/EAD/ENSP, 2009. p. 197-214.

CECCONELLO, A.M.; DE ANTONI, C.; KOLLER, S.H. Práticas educativas, estilos parentais e abuso físico no contexto familiar. **Psicologia em estudo**, Maringá, v. 8, 45-54. 2003.

CLÉMENT, M.; CHAMBERLAND, C. Physical violence and psychological aggression towards children: Five-year trends in practices and attitudes from two population surveys. **Child Abuse and Negligence**, v. 31, p. 1001-1011, 2007.

CLÍMACO, A. A. S. **Repensando as concepções de adolescência**. 1991. Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1991.

COSTA, M. C. O. et al. O perfil da violência contra crianças e adolescentes, segundo registros de Conselhos Tutelares: vítimas, agressores e manifestações de violência. **Ciência & Saúde Coletiva**, 2007. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v12n5/04.pdf>>. Acesso em 17 out. 2007.

DAVOLI, A. et al. Prevalência de violência física relatada contra crianças em uma população de ambulatório pediátrico. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v.10, n.1, p.92-98, jan-mar. 1994.

DAY, V. P.; TELLES, L. E. B.; ZORATTO, P. H. Violência doméstica e suas diferentes manifestações. **Revista de Psiquiatria**, v. 25, n. 1, p. 9-21, 2003.

DAY, V. P. et al . Violência doméstica e suas diferentes manifestações. **Revista de psiquiatria**, Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S01011082003000400003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 05 maio 2011.

DE ANTONI, C. **Vulnerabilidade e resiliência familiar na visão de adolescentes maltratadas**. 2000. Dissertação (Mestrado Psicologia do Desenvolvimento) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000.

DE ANTONI, C.; KOLLER, S. H. A visão sobre família entre as adolescentes que sofreram violência intrafamiliar. **Estudos de Psicologia**, Natal, v.5, 347-381, 2000a.

_____. Vulnerabilidade e resiliência familiar: Um estudo com adolescentes que sofreram maus tratos intrafamiliares. **Psico**, v. 31, 39-66, 2000b.

DESLANDES, S. F. Prevenir e proteger: análise de um serviço de atenção à criança vítima de violência doméstica. Rio de Janeiro: Fiocruz; ENSP; Claves; OPS. Relatório final de pesquisa, 1994. Mimeo

FALEIROS, V. P.; FALEIROS, E. S. **Escola que Protege**: enfrentando a violência contra crianças e adolescentes. Brasília: Edição Eletrônica, 2007.

FARINATTI, F.; BIAZUZ, D.; LEITE, M. B. **Pediatria social**: a criança maltratada. Rio de Janeiro: MEDSI, 1993.

FERRARI, D. C. A.; VECINA, T. C. C. **O fim do silêncio na violência familiar**. São Paulo: Ágora, 2002.

FERREIRA, M. C. T.; MARTURANO, E. M. Ambiente familiar e os problemas do comportamento apresentados por crianças com baixo desempenho escolar. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, n. 15, v. 1, p. 35-44, 2002.

FERREIRA A. L. et al. Crianças e adolescentes em situação de violência. In: NJAINE K, ASSIS SG, CONSTANTINO P. (org). **Impactos da violência na saúde**. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz, Educação a distancia da Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, 2009.

FERRIANI, M. G. C.; GARBIN, L. M.; RIBEIRO, M. A. Caracterização de casos em que crianças e adolescentes foram vítimas de abuso sexual na região sudoeste da cidade de Ribeirão Preto, SP, no ano de 2000. **Revista Acta Paulista de Enfermagem**, v. 17, n. 1, p. 45-54, 2004.

FINZI-DOTTAN R.; KARU T. From emotional abuse in childhood to psychopathology in adulthood: a path mediated by immature defense mechanisms and self-esteem. **J Nerv Ment Dis.** v. 194, p. 616- 621, 2006.

FROTA, A. M. M. C. Diferentes concepções da infância e adolescência: a importância da historicidade para sua construção. **Estudos e pesquisas em psicologia**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 147-160, abr. 2007.

GARBARINO J. **Adolescent development**: na ecological perspective. Columbus: Charles E. Merrill, 1985.

GIBB B. E.; CHELMINSKI I.; ZIMMERMAN M. Childhood emotional, physical, and sexual abuse, and diagnoses of depressive and anxiety disorders in adult psychiatric outpatients. **Depress Anxiety**, v. 24, p. 256 – 263, 2007.

GOMES, G. C.; LUNARDI FILHO, W. D. Banalização da violência na família. In: LUZ, A. M. H.; MANCIA, J. R.; MOTTA, M. G. C. (Ed.). **As amarras da violência**: A família, as instituições e a enfermagem. Brasília: ABEn, 2004.

GOMES, M. L. et al. Perfil clínico-epidemiológico de crianças e adolescentes do sexo feminino vítimas de violência atendidas em um Serviço de Apoio à Mulher, **Rev. Bras. Saude Mater. Infant.**, Recife, vol. 6, supl.1, maio. 2006

GREENFIELD E. A., MARKS N. F. Profiles of physical and psychological violence in childhood as a risk factor for poorer adult health: evidence from the 1995-2005 National Survey of Midlife in the United States. **Journal of Aging and Health**, v. 21, n. 7, 2009.

GUERRA, V. N. de A. **Violência de Pais contra Filhos**: a tragédia revisitada. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1998.

GUIMARÃES, N. M; PASIAN, S. Agressividade na adolescência: experiência e expressão da raiva. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 11, n. 1, Abril 2006.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Questionário Censo 2010**, Rio de Janeiro, IBGE. Disponível em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br/download/questionarios/centso2010_basico.pdf>. Acesso em: nov. 2011.

_____. Rio de Janeiro, IBGE. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad98/saude/analise.shtm>>. Acesso em: jan. 2012.

FURNISS, T. **Abuso Sexual da Criança**: uma abordagem multidisciplinar, manejo, terapia e intervenção legal integrada. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

HAWLEY, D. R.; DEHANN, L. Toward a definition of family resilience: integrating life span and family perspectives. **Family Process**, v.35, n. 3, p. 283-298, 1996.

JELLEN L. K. et al. Child emotional maltreatment: a 2-year study of US Army cases. **Child Abuse Neglect**, v. 25: p. 623-39, 2001.

KOLLER, S. H. Violência doméstica: Uma visão ecológica. Em AMENCAR (Org.), **Violência doméstica**. Brasília: Unicef, 1999. p. 32-42.

KRUG EG et al., eds. **Relatório mundial sobre violência e saúde**. Geneva: World Health Organization (WHO), 2002.

LABORATÓRIO DE ESTUDOS DA CRIANÇA (LACRI). **Ponta do Iceberg**. 2000. Online. Disponível em: <[http:// www.usp.br/ip/laboratorios/lacri](http://www.usp.br/ip/laboratorios/lacri)>. Acesso em: fev. 2012.

LIMA-COSTA, M.F.; BARRETO, S. M. Tipos de estudos epidemiológicos: conceitos básicos e aplicações na área do envelhecimento. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, v. 12, n. 4, 189-201, 2003.

LISBOA, C. S. M. & KOLLER, S. H. Considerações éticas na pesquisa e na intervenção sobre violência doméstica. Em C. Hutz (Org.) **Situações de risco e vulnerabilidade na infância e na adolescência**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001. p. 187-212.

LOPES, C. S. **A violência no espaço escolar e a relação professor-aluno.** Resumo de dissertação Orientador: G, J. L. 2001. Disponível em: <<http://www.bdae.org.br/dspace/bitstream/123456789/925/1/tese.pdf>>. Acesso em: 26 abr. 2011.

MADU, S. N., IDEMUDIA, S. E.; JEGEDE, A. S. Some perceived parental undesirable behaviours predicting child sexual, physical and emotional abuse: A study among a sample of university students in South Africa. **Journal of Social Sciences**, v. 7, p. 111–119, 2003.

MARCELLI, D. ; BRACONNIER, A.. **Manual de Psicopatologia do Adolescente.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

MARQUES, M. A. B., **An Exploratory Study on Violence Against Children in a Favela in Rio de Janeiro.** (Tese de Doutorado) - Columbia University, New York, 1986.

MARRIEL, L. C. et al. Violência Escolar e Auto-Estima de Adolescentes. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 36, n. 127, jan./abr. 2006.

MARTINS, C. S.; FERRIANI, M. G. C. A compreensão de família sob a ótica de pais e filhos envolvidos na violência doméstica contra crianças e adolescentes. In: FERRIANI, M. G. C; MEDEIROS, M; SILVA, M. A. I.; UBEDA, E. M.L. (Ed). **Debaixo do mesmo teto: Análise sobre a violência doméstica.** Goiânia: AB Editora, 2008. p.7-34.

MAYER, L. R.; KOLLER, S. H. Rede de apoio social e representação mental das relações de apego de crianças vítimas de violência doméstica. In: HABIGZANG, L. F., KOLLER, S. H. e cols. **Violência contra crianças e adolescentes.** Artmed, 2012. Disponível em: <http://www.larpsi.com/config/imagens_conteudo/pdf/_legado_H_HABIGZANG_Luis_a_F_Violencia_Contra_Crianças_Adolescentes_Liberado_Cap_01.pdf> Acesso em: agosto 2012.

MENEGHEL, S. N.; GIUGLIANI, E. J. e FALCETO, O. Relações entre violência doméstica e agressividade na adolescência. **Cadernos Saúde Pública**, vol.14, n.2, p. 327-335, 1998.

MINAYO, M. C. S. A. Violência Social sob a Perspectiva da Saúde Pública. **Cad. Saúde Públ.**, Rio de Janeiro, v.10 (suplemento 1), p. 07-18, 1994.

_____. Violência: um problema para a saúde dos brasileiros. In: Ministério da Saúde; Secretaria de Vigilância em Saúde. **Impacto da violência na saúde dos brasileiros**. Brasília (Brasil): Ministério da Saúde, 2005. p.9-41.

MINAYO, M. C. S.; SANCHEZ R. N. Violência contra Crianças e Adolescentes: questão Histórica, Social e de Saúde. In: LIMA, C. A. (org) **Violência faz mal à saúde**. Ministério da Saúde, 2004.

MONTEIRO C. F. S. et al. Violência Sexual contra Criança no meio Intrafamiliar Atendidos no SAMVVIS, Teresina, PI. **Rev. Bras. Enferm.** vol.61, no.4, p.459-463, Ago. 2008

MOURA A. T. M. S., MORAES C. L., REICHENHEIM M.E. Detecção de maus-tratos contra a criança: oportunidades perdidas em serviços de emergência na cidade do Rio de Janeiro, Brasil. **Cad. Saúde Pública**, v.24, p. 2926-2936, dez. 2008.

MULLER, F. B.; WEIGELT, L. D. Família com criança vítima de agravos por causas externas. **Revista Cogitare Enfermagem**, v. 10, n. 2, p. 24-28, 2005.

MUSSEN, P. H. **Desenvolvimento e personalidade da criança**. São Paulo: Harbra, 4ª. ed., 1977.

NETO, A. A. L. Bullying – comportamento agressivo entre estudantes. **Jornal de Pediatria**. Rio de Janeiro, p. 164-172, 2005.

NJAINE, K.; MINAYO, M. C. S. Violência na escola: identificando pistas para a prevenção. **Interface** (Botucatu), Botucatu, v. 7, n. 13, Agosto 2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-32832003000200009&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 06 junho 2011.

OLIVEIRA, M. S.; FLORES, R. Z. Violência contra crianças e adolescentes na Grande Porto Alegre. In: AMENCAR (Ed.). **Violência doméstica**. 1999. p. 71-86.

ORGANIZACIÓN MUNDIAL DE LA SALUD (OMS). **Problemas de salud de la adolescência**. Série de Informes técnicos. Geneva: 1965.

OSÓRIO, L. C. **Família hoje**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996

PATTERSON, G. R. **Coercive family process**. Eugene: Castalia, 1982.

PEREIRA, P. C. **Violência doméstica e desempenho escolar: Desafios para o Judiciário e para a Educação Especial**. 2006. 130f. Dissertação (Mestre em Educação Especial) – Programa de Pós-Graduação em Educação Especial, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos/SP, 2006.

PERES, F.; ROSENBERG, C. P. Desvelando a concepção de adolescência/adolescente presente no discurso da Saúde Pública. **Saúde soc.**, São Paulo, v. 7, n. 1, Julho 1998.

PIRES, A. L. D.; MIYAZAKI, M. C. O. S. Maus-tratos contra crianças e adolescentes: revisão da literatura para profissionais da saúde. **Arquivos de ciências da saúde**. São José do Rio Preto: FAMERP, p.42-49, jan./mar. 2005.

PITZNER, J. K.; DRUMMOND, P. D The Reliability and Validity of Empirically Scaled Measures of Psychological/Verbal control and Physical/Sexual Abuse: Relationship between current negative mood and a history of abuse independent of other negative life events. **Journal of Psychosomatic Research**, v. 2, p. 125-142. 1997.

POLETO, M. **Contextos ecológicos de promoção de resiliência para crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade**. 2007. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

POLETO, M.; KOLLER, S. H. Contextos ecológicos: promotores de resiliência, fatores de risco e de proteção. **Estud. psicol.**, Campinas, v. 25, n. 3, Set. 2008.

RANGEL, P. C.. **Abuso sexual**: intrafamiliar recorrente. Curitiba: Juruá, 2001. 180 p.

RIBEIRO, M. M.; MARTINS, R. B. **Violência doméstica contra a criança e o adolescente**. Curitiba: Juruá, 2009.

RIBEIRO, A. P.; FERRIANI, M. G. C.; REIS, J. N. Violência sexual contra crianças e adolescentes: características relativas à vitimização nas relações familiares. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 20, n. 2, p. 456-464, 2004.

REICHENHEIM, M. E.; DIAS, A. S.; MORAES, L. C. Co-ocorrência de violência física conjugal e contra os filhos em serviços de saúde. **Revista de Saúde Pública**, v. 40, n. 4, p. 595-603, 2006.

ROCHA, P. C. X.; MORAES, C. L. Violência familiar contra a criança e perspectivas de intervenção do Programa Saúde da Família: a experiência do PMF/Niterói (RJ, Brasil). **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 7, jul. 2011 .

SAFFIOTI, H. I. B. Violência doméstica ou a lógica do galinheiro. In: KUPSTAS, M. (org.) **Violência em debate**. São Paulo: Moderna, 1997. p. 39-57.

SAITO M. I.; SILVA L. E. V. **Adolescência**: prevenção e risco. São Paulo: Atheneu, 2001.

SANCHEZ, R. N; MINAYO, MCS. Violência contra Crianças e Adolescentes: Questão Histórica, Social e de Saúde. In: LIMA, C. A. et al. (coord.) **Violência faz mal à saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.

SANTOS, M. E. A. **Trabalho e violência em adolescentes estudantes**: uma contribuição do enfermeiro. 2009. 154f. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

SILVA, J. M. A. P.; SALLES, L. M. F. A violência na escola: abordagens teóricas e propostas de intervenção. **Educar em Revista**, Curitiba, n. especial 2, p. 217-232, 2010.

SILVA L.L.; COELHO E.B.S.; CAPONI S.N.C. Violência Silenciosa: violência psicológica como condição da violência física. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v.11, n.21, p.93-103, jan/abr 2007.

SILVA, L. M. P.; GALVÃO, M. T. G.; ARAÚJO, T. L.; CARDOSO, M. V. L. M. L. Cuidado a família de crianças em situação de abuso de abuso sexual baseado na teoria humanística. **Brazilian Journal of Nursing**, v. 6, n. 1, p. 1-10, 2007.

SILVA, L. M. P. **Violência doméstica contra a criança e o adolescente**. Recife: EDUPE, 2002.

SIMONS, R.; WHITBECK, L. B.; CONGER, R. D.; CHYI-IN, W. Intergenerational transmission of harsh parenting. **Developmental Psychology**, v. 27, n. 1, p.159-171, 1991.

SOUZA, A. L. T. M.; FLORIO, A.; KAWAMOTO, E. E. **O neonato, a criança e o adolescente**. São Paulo: EPU, 2001.

SOUZA, E. R.; JORGE, M. H. P. Impacto da Violência na Infância e Adolescência Brasileiras: Magnitude da Morbimortalidade. In: LIMA, C. A. et al. (coord.) **Violência faz mal à saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2006.

SULLCA, T. F.; SCHIRMER, J. Violência intrafamiliar na adolescência na cidade de Puno-Peru. **Revista Latinoamericana de Enfermagem**, v. 14, n. 4, p. 578-585, 2006.

TOWNSEND MC. **Enfermagem psiquiátrica**: conceitos de cuidados. 3ª ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.

VIODRES INOUE, S. R.; RISTUM, M. Violência sexual: caracterização e análise de casos revelados na escola. **Estudos de Psicologia Campinas**. v. 25, n.1, p.11-21, janeiro – março. 2008.

WASELFISZ, J. J. **Mapa da Violência 2011**: Os jovens do Brasil. Ministério da Justiça. Brasília, 2011.

WALDMAN, E. A. **Vigilância em Saúde Pública**. São Paulo: Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, 1998. Série Saúde & Cidadania.

WEBB M. et al. Shame, guilt, symptoms for depression, and reported history of psychological maltreatment. **Child Abuse Negligence**, v. 31, p. 1143 - 1153, 2007.

WILLIAMS, Lúcia Cavalcanti de Albuquerque. Violência intrafamiliar e intimidação entre colegas no ensino fundamental. Cad. Pesquisa., São Paulo, v. 39, n. 138, dez. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742009000300015&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: dezembro de 2012.

WINDHAM, A. M. et al. Risk of mother-reported child abuse in the first 3 years of life. **Child Abuse and Neglect**, 28, p. 645–667, 2004.

WINNICOTT, D. W. **A família e o desenvolvimento individual**. São Paulo: Martins Fontes, 2005a.

_____. **O ambiente e os processos de maturação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 2005b.

APÊNDICE

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO
(Estudantes e Responsáveis)

Prezados pais/responsáveis,

Gostaríamos de solicitar sua autorização para que seu(sua) filho(a) possa participar da pesquisa **“Estudo da violência psicológica e auto-estima na adolescência”** cujo objetivo é conhecer melhor os alunos desta escola. Acreditamos que com as respostas dos mesmos poderemos desenvolver outros estudos, discutir acerca do tema em eventos científicos e implementar melhorias nas rotinas da escola. A participação é voluntária e o Sr.(Sra.) poderá retirar seu consentimento a qualquer momento sem prejuízo a pessoa do seu(sua) filho(a).

Quanto ao seu filho, após ser convidado para participar da pesquisa, solicitaremos que responda a um questionário e à duas escalas para identificar sinais relacionados à auto-estima na população escolar e envolvimento em situações de violência. O questionário e as escalas serão aplicados em data e local previamente definidos e informados aos responsáveis pelos alunos. Vale salientar que já contamos com a concordância da direção e gerência da escola. Os nomes dos participantes não serão divulgados publicamente. Não serão feitas análises individuais dos resultados uma vez que as respostas serão estudadas em conjunto.

Esclareço que mesmo que autorize a participação de seu filho, o senhor (sra.) poderá retirar seu consentimento a qualquer momento, sem nenhuma consequência negativa como desconforto ou risco à vida. Os entrevistados poderão também se recusar a responder a alguma pergunta. Se desejar maiores esclarecimentos, o senhor (sra.) poderá entrar em contato antes ou durante a realização da pesquisa. A pesquisadora estará disponível para o esclarecimento de qualquer dúvida referente ao estudo, podendo ser encontrada pelo fone: (16)9182-9350 e em plantões de dúvidas a serem realizados na própria escola nas semanas anterior e posterior à realização da pesquisa no horário de intervalo das aulas de seu filho(a).

Eu, _____, estou ciente das informações sobre a pesquisa e de que as informações emitidas pelo meu filho(a), não lhe causarão nenhum dano, risco ou ônus. Será mantido segredo das informações contidas nas entrevistas. Tenho ciência da segurança de que não terei nenhuma despesa financeira durante o desenvolvimento da pesquisa, da garantia de que todas as informações fornecidas serão utilizadas apenas na construção da pesquisa e ficarão sob a guarda dos pesquisadores, podendo ser requisitadas por mim a qualquer momento e de que meu filho pode se recusar a responder a alguma pergunta.

Tendo recebido as informações acima e ciente de nossos direitos, autorizo a participação de meu(minha) filho(a) _____. Estou ciente que a participação de meu(minha) filho(a) na pesquisa que será realizada na escola em que ele(a) estuda, não trará prejuízos a sua rotina escolar.

Caro estudante,

Gostaríamos de convidá-lo para participar da pesquisa **“Estudo da violência psicológica e auto-estima na adolescência”** cujo objetivo é conhecer melhor os alunos desta escola. Acreditamos que com as respostas dos mesmos poderemos desenvolver outros estudos, discutir acerca do tema em eventos científicos e implementar melhorias nas rotinas da escola.

Caso você concorde em participar, será convidado a responder a um questionário e à duas escalas para identificar sinais relacionados à auto-estima na população escolar e envolvimento em situações de violência. Isto será realizado em uma única sessão de aproximadamente quarenta minutos. Sua participação é voluntária e você poderá retirar seu consentimento a qualquer momento sem prejuízo a sua pessoa ou mesmo se negar a responder a alguma pergunta. No caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra é do pesquisador responsável.

Vale salientar que já contamos com a concordância da diretoria e gerência da escola. Os nomes dos participantes não serão divulgados publicamente. Não serão feitas análises individuais dos resultados uma vez que as respostas serão estudadas em conjunto.

Eu, _____, _____ anos, RG no. _____ estou ciente das informações sobre a pesquisa e de que as informações por mim emitidas, não me causarão nenhum dano, risco ou ônus. Serão mantidos segredo das informações contidas em minha entrevista, tenho ciência quanto à segurança de que não terei nenhuma despesa financeira durante o desenvolvimento da pesquisa e a garantia de que todas as informações por mim fornecidas serão utilizadas apenas na construção da pesquisa e ficarão sob a guarda dos pesquisadores, podendo ser requisitadas por mim a qualquer momento. A pesquisadora estará disponível para o esclarecimento de qualquer dúvida referente ao estudo, podendo ser encontrada pelo fone: (16)9182-9350 ou em plantões de dúvidas nos horários de intervalo das aulas na própria escola.

Tendo recebido as informações acima e ciente de meus direitos, concordo em participar voluntariamente deste estudo. Estou ciente de que minha participação na pesquisa não trará prejuízos a minha rotina e que dependerá da minha disponibilidade de horário.

Sertãozinho, ____, de _____ de 2011.

Assinatura do responsável

Assinatura do entrevistado

Luciana A. Cavalin
Pesquisadora responsável

Profª Drª Zeyne Alves Pires Scherer
Pesquisadora orientadora

CONTATO: Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. Endereço: Avenida Bandeirantes, 3900 Campus Universitário – Ribeirão Preto – SP; CEP 14049-900 – SP. Telefone: (0XX16) 3602-3404.

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO

Parte I - Dados de caracterização pessoal

Data: ____/____/____

1.

Sexo: () feminino () masculino	
Idade: anos completos	
Município onde nasceu:	UF:
Município onde mora:	

2.

Você se auto determina de que cor:	
	Branco
	preto
	amarelo
	pardo
	indígena

3.

Em qual curso e turma esta matriculado?		
Automação Industrial		141
		241
		341
		471
Química		142
		242
		342
		472

4.

Você já teve alguma reprovação? () sim () não		
Quantas vezes?		
Em quais anos		1ª, 2ª, 3ª ou 4ª séries
		5ª, 6ª, 7ª ou 8ª séries
		Ensino Médio – 1º ano
		Ensino Médio – 2º ano
		Ensino Médio – 3º ano
		Ensino Médio – 4º ano

5.

Você trabalha? () sim () não
Onde trabalha? (fale sobre sua atividade sem mencionar o nome da empresa)
Com quantos anos começou a trabalhar?
Faz estágio? () sim () não

6.

Quantos irmãos você tem?	
Quantas pessoas moram com você?	Quem são? (marcar com um X)
☐	Pai
☐	Padrasto
☐	Mãe
☐	Madrasta
☐	Irmão Quantos:
☐	Irmã Quantas:
☐	Avô Quantos:
☐	Avó Quantas:
☐	Tio Quantos:
☐	Tia Quantas:
☐	Outros (especificar quem) Quantos:

7.

Seu pai é:		Sua mãe é:	
☐	casado	☐	casada
☐	mora junto, mas não é casado	☐	mora junto, mas não é casada
☐	divorciado	☐	divorciada
☐	viúvo	☐	viúva
☐	solteiro	☐	solteira

8.

Qual é a renda de sua família (somar os salários de todos os familiares que moram com você)?
--

- Parte II – Identificação do tipo de violência, perpetrador e local de ocorrência

1) Para responder a questão 1 volte à escala (**folha anterior**) e marque com um **X** quem foi (foram) a(s) pessoa(s) que fez (fizeram) isto com você e onde isso aconteceu:

	em sua casa	escola	rua	casa de parentes	casa de amigos	local de trabalho	outros
pai							
mãe							
padrasto							
madrasta							
avô							
avó							
tio							
tia							
irmão							
irmã							
primo							
prima							
amigo							
namorado							
namorada							
colega da escola							
professor							
outros							

2) Em algum momento de sua vida já lhe **FALTOU** comida, roupas, tratamento de doenças ou escola?

() sim

() não

Marque com um **X** quem foi (foram) a(s) pessoa(s) que deixou (deixaram) isto acontecer você e onde isso ocorreu:

	em sua casa	escola	rua	casa de parentes	casa de amigos	local de trabalho	outros
pai							
mãe							
padrasto							
madrasta							
avô							
avó							
tio							
tia							
irmão							
irmã							
primo							
prima							
amigo							
namorado							
namorada							
colega da escola							
professor							
outros							

3) Em algum momento de sua vida alguém **USOU FORÇA FÍSICA contra você, **BATEU, CHUTOU** ou **MACHUCOU**, para **CASTIGÁ-LO(A)**?**

() sim

() não

Marque com um **X** quem foi (foram) a(s) pessoa(s) que fez (fizeram) isto com você e onde isso aconteceu:

	em sua casa	escola	rua	casa de parentes	casa de amigos	local de trabalho	outros
pai							
mãe							
padrasto							
madrasta							
avô							
avó							
tio							
tia							
irmão							
irmã							
primo							
prima							
amigo							
namorado							
namorada							
colega da escola							
professor							
outros							

4) Em algum momento de sua vida alguém já o **TOCOU DE MANEIRO SEXUAL** ou o **FORÇOU A TER RELAÇÃO SEXUAL** contra a sua vontade?

() sim

() não

Marque com um **X** quem foi (foram) a(s) pessoa(s) que fez (fizeram) isto com você e onde isso aconteceu:

	em sua casa	escola	rua	casa de parentes	casa de amigos	local de trabalho	outros
pai							
mãe							
padrasto							
madrasta							
avô							
avó							
tio							
tia							
irmão							
irmã							
primo							
prima							
amigo							
namorado							
namorada							
colega da escola							
professor							
outros							

ANEXO 1 – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Centro Colaborador da Organização Mundial da Saúde
para o Desenvolvimento da Pesquisa em Enfermagem

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE ENFERMAGEM DE RIBEIRÃO PRETO

Avenida Bandeirantes, 3900 - Ribeirão Preto - São Paulo - Brasil - CEP 14040-902
Fone: 55 16 3602.3382 - 55 16 3602.3381 - Fax: 55 16 3602.0518
www.eerp.usp.br - eerp@edu.usp.br

COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA DA EERP/USP

Of.CEP-EERP/USP –120/2011

Ribeirão Preto, 03 de maio de 2011.

Prezada Senhora,

Comunicamos que o projeto de pesquisa, abaixo especificado, foi analisado e considerado **APROVADO AD REFERENDUM** pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, em 03 de maio de 2011.

Protocolo: nº 1276/2011

Projeto: Estudo da violência psicológica e auto-estima na adolescência.

Pesquisador: Zeyne Alves Pires Scherer
Luciana Aparecida Cavalin

Em atendimento à Resolução 196/96, deverá ser encaminhado ao CEP o relatório final da pesquisa e a publicação de seus resultados, para acompanhamento, bem como comunicada qualquer intercorrência ou a sua interrupção.

Atenciosamente,

Enfª Maria Antonieta Spinoso Prado
Vice-Coordenadora do CEP-EERP/USP

Ilma. Sra.
Profª. Drª. Zeyne Alves Pires Scherer
Departamento de Enfermagem Psiquiátrica e Ciências Humanas
Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto-USP

ANEXO 2 – ESCALA DE VIOLÊNCIA PSICOLÓGICA CONTRA ADOLESCENTES

Complete a frase: Durante a sua infância ou adolescência, alguma pessoa importante em sua vida...

1. Humilhou você?	1. ☐ sempre	2. ☐ Quase sempre	3. ☐ Às vezes	4. ☐ Raramente	5. ☐ Nunca
2. Demonstrou falta de interesse por você?	1. ☐ sempre	2. ☐ Quase sempre	3. ☐ Às vezes	4. ☐ Raramente	5. ☐ Nunca
3. Culpou você por falhas que ele/ela cometeu?	1. ☐ sempre	2. ☐ Quase sempre	3. ☐ Às vezes	4. ☐ Raramente	5. ☐ Nunca
4. Culpou você por falhas cometidas por outras pessoas?	1. ☐ sempre	2. ☐ Quase sempre	3. ☐ Às vezes	4. ☐ Raramente	5. ☐ Nunca
5. Criticou você pelas coisas que você faz e diz?	1. ☐ sempre	2. ☐ Quase sempre	3. ☐ Às vezes	4. ☐ Raramente	5. ☐ Nunca
6. Criticou você pela sua aparência e pelo modo como você se veste?	1. ☐ sempre	2. ☐ Quase sempre	3. ☐ Às vezes	4. ☐ Raramente	5. ☐ Nunca
7. Criticou seus amigos?	1. ☐ sempre	2. ☐ Quase sempre	3. ☐ Às vezes	4. ☐ Raramente	5. ☐ Nunca
8. Não te elogiou quando você achou que tinha feito algo de bom?	1. ☐ sempre	2. ☐ Quase sempre	3. ☐ Às vezes	4. ☐ Raramente	5. ☐ Nunca
9. Não te encorajou quando você quis fazer algo por você mesmo (educação, carreira, esportes)?	1. ☐ sempre	2. ☐ Quase sempre	3. ☐ Às vezes	4. ☐ Raramente	5. ☐ Nunca
10. Disse a você que você não era tão bom quanto as outras pessoas?	1. ☐ sempre	2. ☐ Quase sempre	3. ☐ Às vezes	4. ☐ Raramente	5. ☐ Nunca
11. Gritou ou berrou com você sem nenhum motivo?	1. ☐ sempre	2. ☐ Quase sempre	3. ☐ Às vezes	4. ☐ Raramente	5. ☐ Nunca
12. Chamou você de nomes desagradáveis como “doido”, “idiota”, ou “burro”?	1. ☐ sempre	2. ☐ Quase sempre	3. ☐ Às vezes	4. ☐ Raramente	5. ☐ Nunca
13. Fez piadas sobre você na frente de outras pessoas?	1. ☐ sempre	2. ☐ Quase sempre	3. ☐ Às vezes	4. ☐ Raramente	5. ☐ Nunca
14. Não acreditou em você (você estava inventando alguma coisa/mentindo)?	1. ☐ sempre	2. ☐ Quase sempre	3. ☐ Às vezes	4. ☐ Raramente	5. ☐ Nunca
15. Disse a você que você estava errado/a quando você disse ou fez alguma coisa?	1. ☐ sempre	2. ☐ Quase sempre	3. ☐ Às vezes	4. ☐ Raramente	5. ☐ Nunca
16. Ignorou você quando você procurava carinho?	1. ☐ sempre	2. ☐ Quase sempre	3. ☐ Às vezes	4. ☐ Raramente	5. ☐ Nunca
17. Forçou você a assumir responsabilidade pela maioria das tarefas domésticas?	1. ☐ sempre	2. ☐ Quase sempre	3. ☐ Às vezes	4. ☐ Raramente	5. ☐ Nunca
18. Humilhou você fazendo piadas sobre seu corpo?	1. ☐ sempre	2. ☐ Quase sempre	3. ☐ Às vezes	4. ☐ Raramente	5. ☐ Nunca